A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1993



A LIAHONA

SETEMBRO DE 1993



Na capa:
O menino brincando em Nivaclé Boquerón, Paraguai (*Primeira capa*) é um dos muitos pioneiros nesse país sul-americano. *Ultima capa*, no alto: Uma cena do interior do Paraguai. *Meio*: Humberto e Vitória Cañete de Assunção, com seus filhos Humberto, 4 anos, David, 3 anos, e Fernando, 1 ano. *Embaixo*: Jovens adultos apresentam-se em um show de talentos em Assunção. Vide "Pioneiros no Paraguai", p. 10. Fotografia da capa de Marvin K. Gardner.

Capa da *Seção Infantil*:
O Bezerro, de Edwin Evans (1860–1946).
O irmão Evans foi um dos quatro artistas SUD que estudaram em Paris, França, no início da década de 1890, sob o patrocínio da Igreja. Estes artistas aperfeiçoaram suas técnicas de pintura de murais para o Templo de Lago Salgado, antes de sua dedicação em abril de 1893.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: CONVITE À EXALTAÇÃO PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

A FÉ FEZ COM QUE CHEGÁSSEMOS A TEMPO
GUSTAVO ADOLFO ABALOS 8

PIONEIROS NO PARAGUAI MARVIN K. GARDNER 10

GEORGE ALBERT SMITH: UM EXEMPLO VIVO DE AMOR
ARTHUR R. BASSETT 26

ARTE INFANTIL EM TODO O MUNDO 34

O FORTALECIMENTO DA IGREJA NA ÁREA SUL DA AMÉRICA DO SUL 44

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

POR QUE ESTOU CORRENDO?
ÉLDER ANGEL ABREA 22

MENSAGEM MÓRMON: A ADVERSIDADE PODE TORNÁ-LO FORTE 33

UM ENGANO PROVIDENCIAL 40

PARA SUA INFORMAÇÃO 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: A BOA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DA TERRA 25

SEÇÃO INFANTIL

JOSEPH FIELDING SMITH KELLENE RICKS ADAMS 2

A SURPRESA DE SHANNON MARJORIE A. PARKER 4

TEMPO DE COMPARTILHAR: CREIO EM SER HONESTO
JUDY EDWARDS 6

ERIN, A BOA SAMARITANA PAMELA BRAYTON 8

SÓ PARA DIVERTIR 12

O TESTEMUNHO DE UM MENINO
CHARLOTTE GROSSNICKLE DOMENICO 13

APROXIMAR-SE MAIS DE DEUS ÉLDER HENRY B. EYRING 16

SETEMBRO de 1993, Vol. 17, nº 9
93989 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, John H. Groberg, V. Dallas Merrell, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: Tom Fossett, MaryAnnMartindale
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas,
05599-970 – Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 670,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 56,00.**
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finalandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês, tcheco, húngaro e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

TOCAR A ALMA

Sou membro da Igreja há nove anos. Durante esse período tenho sido leitora assídua da *Liahona* (em espanhol). Ela me transporta a um mundo maravilhoso e permite que eu visualize os muitos irmãos e irmãs especiais que tenho em toda a Igreja.

Tenho dezenove anos de idade e gosto particularmente dos artigos dirigidos aos jovens.

A revista exerce uma influência muito positiva em minha vida. Ela contém mensagens que me tocam espiritualmente e ajudam-me a seguir os ensinamentos do Senhor.

Sou grata por uma revista tão maravilhosa.

Sandra Judith Paz Orellana
Ramo Santa Barbara
Distrito La Entrada Honduras

UMA BÚSSOLA PARA O APRENDIZADO

Sou membro da Ala Independência, em São Pedro de Sacatepequez, São Marcos, Guatemala. Minha família afiliou-se à Igreja há trinta anos. Fomos os primeiros conversos da região.

Assim como os membros de outros lugares, somos sempre admoestados pelas Autoridades Gerais a lembrar-nos dos convênios que fizemos e a sermos fiéis a eles freqüentando as reuniões, estudando as escrituras, indo ao templo e lendo a *Liahona* (em espanhol).

Como escritora, aprecio os conselhos que aparecem na revista e o conteúdo literário. Também gosto das palavras inspiradas das Autoridades Gerais nos discursos de conferências gerais.

Como sabemos, todo conhecimento obtido neste mundo irá conosco para o próximo. Sou grata à *Liahona* por ser uma bússola de instrução.

Emelina Victoria Barrios de Deleón
São Marcos, Guatemala

O GRANDE MILAGRE

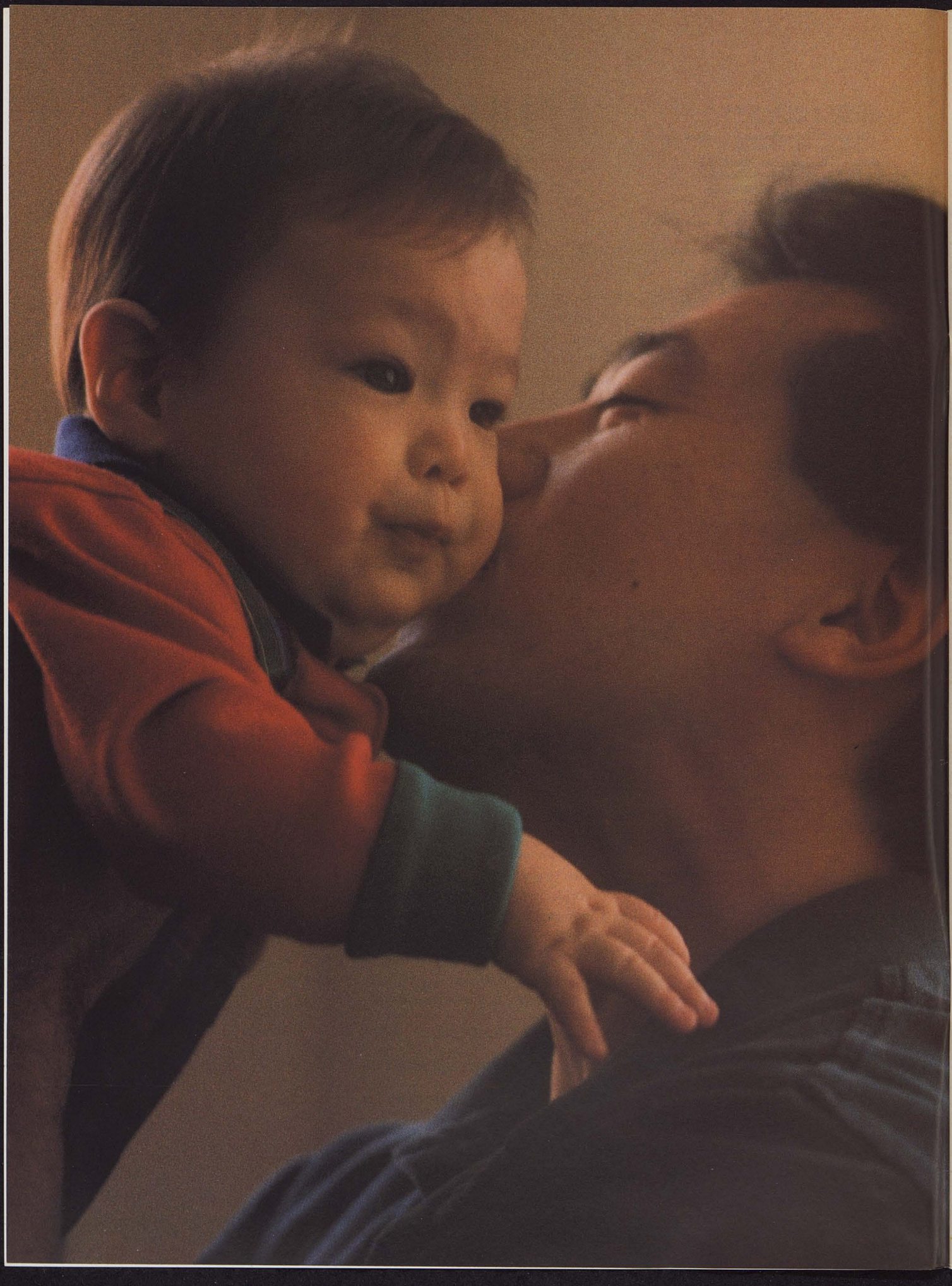
Sou membro da Igreja há trinta e um anos e tenho visto muitas coisas maravilhosas acontecerem. O que me dá maior alegria, porém, é o milagre que vejo na mudança de vida das pessoas ao aceitarem o evangelho de Jesus Cristo.

Que o Senhor os abençoe, e que continuem a publicar as revistas da Igreja, pois elas me trazem muita alegria.

Irma de Mackenna
Ala Quilpué Centro
Estaca Quilpué Chile

NOTA DO REDATOR

Apreciamos os comentários dos leitores e solicitamos que nos enviem cartas, artigos e histórias. O idioma não é barreira. Inclua o nome completo, endereço, ala/ramo, estaca/distrito. Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA



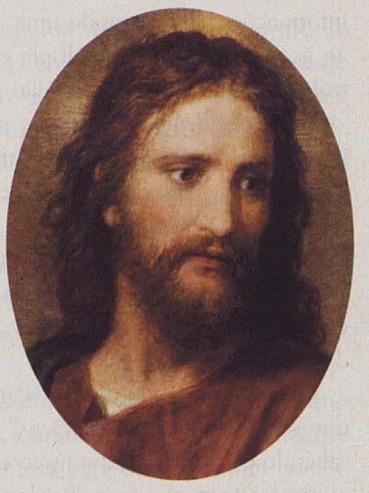
Convite à Exaltação

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Em toda parte, as pessoas estão com pressa. Aviões a jato transportam suas preciosas cargas humanas por enormes continentes e vastos oceanos. Compromissos têm de ser cumpridos, atrações turísticas chamam a atenção, amigos e familiares esperam a chegada de determinado vôo. Modernas rodovias com pistas múltiplas dão vazão a milhões de pessoas, numa corrente que parece não ter fim.

Esse fluxo agitado de seres humanos em algum momento chega a parar? Será que esse confuso ritmo de vida chega a parar para alguns momentos de meditação, ou de pensamentos dirigidos às verdades eternas?

Comparadas às verdades eternas, as questões da vida diária são realmente triviais. O que vamos ter para o jantar? Há um bom filme em exibição esta noite? Qual a programação da televisão? Aonde iremos no sábado? Estas perguntas provam ser insignificantes nos momentos de crise, quando entes



Testifico que ele é o Salvador literal do mundo, o Filho de Deus, o Príncipe da Paz, o Santo de Israel, o Senhor ressurreto.

FOTOGRAFIA DE JED CLARK; *ACIMA*, DETALHE DE *CRISTO E O PRÍNCIPE*, DE HEINRICH HOFMANN

queridos se machucam, quando a dor invade uma casa em que há boa saúde, ou quando a própria vida parece estar chegando ao fim, talvez prematuramente. Nessas ocasiões, a verdade e os pormenores triviais da vida logo se separam. A alma do homem se eleva rumo aos céus, buscando uma resposta divina para as maiores perguntas da vida: De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos, depois desta vida? As respostas a estas perguntas não se descobrem dentro das capas dos livros de faculdade, nem com um telefonema para o serviço de informações, nem jogando uma moeda, ou selecionando ao acaso respostas de múltipla escolha. Essas perguntas transcendem a mortalidade, elas abrangem a eternidade.

De onde viemos? Todos os pais ou avós se fazem, inevitavelmente, essa pergunta, mesmo que não a exteriorizem, quando um bebê chora pela primeira vez. Maravilhamo-nos com a criança perfeitamente formada. Os pequenos pés, os delicados dedinhos, a bela cabeça, para não falar dos ocultos, mas maravilhosos sistemas circulatório, digestivo e nervoso—tudo testifica do divino Criador.

O Apóstolo Paulo disse aos atenienses, no Areópago, que somos "a geração de Deus" (Atos 17:29). Uma vez sabendo que nosso corpo físico é gerado por nossos pais mortais, temos que considerar cuidadosamente o significado da declaração de Paulo. O Senhor declarou que "o espírito e o corpo são a alma do homem" (D&C 88:15). É o espírito que é a geração de Deus. O autor de Hebreus referiu-se a ele como "Pai dos espíritos" (Hebreus 12:9). Os espíritos de todos os homens são literalmente "filhos e filhas gerados para Deus" (D&C 76:24).

Para o estudo do assunto, notamos que poetas inspirados nos deixaram mensagens tocantes e registraram pensamentos transcendentes. Um escritor descreve a criança recém-nascida como "um doce e jovem botão de flor humano, recém-brotado da própria casa de Deus para florescer aqui na terra" (Gerald Massey).

E William Wordsworth escreveu esta verdade:

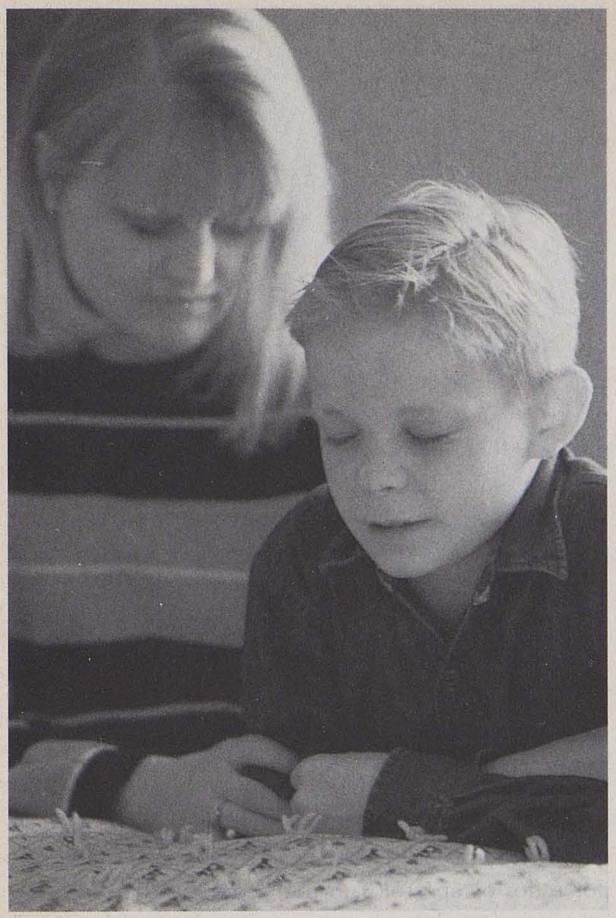
Nosso nascimento é como o sono e o esquecimento;
A alma que surge conosco, a estrela da vida,
Teve outro lugar como morada
E veio de muito longe;
Não em total esquecimento
Nem em completa nudez,
Mas seguindo nuvens de glória nós viemos
De Deus, que é nosso lar!
O céu nos circunda na infância!
("Ode on Intimations of Immortality").

Os pais, contemplando um bebê ou tomando pela mão uma criança em fase de crescimento, pensam em sua responsabilidade de ensinar, inspirar e dar orientação, liderança e exemplo. Enquanto os pais ponderam, as crianças, e particularmente os adolescentes, fazem a pergunta profunda: "Por que estamos aqui?". Geralmente é feita em silêncio no fundo da alma e exteriorizada desta forma: "Por que estou aqui?".

Quão gratos deveríamos ser ao sabermos que um Criador sábio formou a terra e colocou-nos aqui, esquecidos de nossa existência anterior, para que pudéssemos passar por um período de provação, ter oportunidade de sermos provados e de nos qualificarmos para tudo o que Deus preparou para nós.

Está claro que um propósito primordial de nossa existência aqui na terra é obter um corpo de carne e ossos. Estamos aqui para ganhar a experiência que só é possível estando nós separados de nossos pais celestiais. Em milhares de sentidos, temos o privilégio de escolher por nós mesmos. Aqui aprendemos, pela experiência, a discernir o bem do mal. Aprendemos a distinguir o amargo do doce. Aprendemos que nossas decisões determinam nosso destino.

Enquanto Paulo ensina aos filipenses que o homem é exortado a "opera(r) a (sua) salvação com temor e tremor" (Filipenses 2:12), o Mestre deixou-nos uma orientação que conhecemos como a Regra de Ouro: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós" (Mateus 7:12).



Nosso Pai Celestial não nos lançou na jornada eterna sem preparar meios pelos quais pudéssemos receber dele orientação, por intermédio de oração, a fim de assegurar nosso retorno seguro.

Pela obediência aos mandamentos de Deus, podemos qualificar-nos para aquela "morada" da qual Jesus falou: "Na casa de meu Pai há muitas moradas . . . vou preparar-vos lugar, . . . para que, onde eu estiver, estejais vós também" (João 14:2–3).

A vida segue seu curso. A juventude segue a infância, a maturidade chega tão sorrateira, que mal a percebemos. Pela experiência, aprendemos a necessidade de ajuda dos céus na jornada pela trilha da mortalidade. Apreciamos muito este inspirado pensamento: "Deus é um Pai; o homem é um irmão. A vida é uma missão e não uma carreira". (Presidente Stephen L Richards.)

Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, mostraram o caminho para a perfeição. Eles nos admoestam a escolher e a seguir as verdades eternas e a nos tornarmos perfeitos, como eles são perfeitos. (Vide Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48.) O Apóstolo Paulo comparou a vida a uma corrida com metas claramente definidas. Aos santos de Corinto ele declarou: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis" (I Coríntios 9:24).

No empenho de vencer, não deixemos passar este sábio conselho de Eclesiastes: " . . . não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja . . . " (Eclesiastes 9:11). Na realidade, o prêmio pertence àquele que persevera até o fim.

Quando penso na corrida da vida, lembro-me de outra corrida, acontecida em minha infância. Quando tinha aproximadamente dez anos, meus amigos e eu esculpimos, com canivetes, pequenos botes de brinquedo com a madeira macia de um salgueiro. Com uma vela triangular de algodão, cada menino lançou seu barco numa corrida nas águas relativamente turbulentas do Rio Provo. Nós corríamos pela margem observando os barquinhos, às vezes violentamente sacudidos pela corrente, outras flutuando serenamente em águas mais profundas.

Durante uma dessas corridas, notamos que o que liderava todos os outros à linha de chegada subitamente foi carregado pela correnteza para dentro de um grande redemoinho. O barquinho adernou e virou, ficando a girar e girar, sem poder voltar à corrente principal. Finalmente, foi parar na orla do redemoinho, no meio de outros restos e destroços.

Os barcos de brinquedo de minha infância não tinham quilha para estabilizá-los, leme para guiá-los, nem fonte de força. Inevitavelmente, seu destino era rio abaixo—a trilha de menor resistência.

Ao contrário dos barcos de brinquedo, fomos abençoados com atributos divinos que têm por finalidade guiar-nos ao nosso destino. Não viemos à mortalidade para flutuar ao sabor das correntes da vida, mas com a capacidade de pensar, raciocinar e realizar.

Deixamos nosso lar celestial e viemos para a terra na pureza e inocência da infância. O Pai Celestial não nos lançou na jornada eterna sem preparar os meios pelos

quais pudéssemos receber sua orientação para retornar a salvo ao fim desta grande corrida da vida. Sim, falo da oração, do sussurro daquela pequenina voz dentro de nós; e não negligencio as sagradas escrituras, escritas por quem já navegou com sucesso pelos mares que ainda precisamos atravessar.

Em algum momento de nossa missão mortal, aparece o passo vacilante, o sorriso abatido, a dor da doença—até mesmo o final do verão, a aproximação do outono, o frio do inverno e a experiência que chamamos de morte.

Toda pessoa ponderada já fez a si mesma a pergunta tão bem expressa por Jó, quando velho: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14). Por mais que tentemos afastar esta pergunta de nossos pensamentos, ela sempre retorna. A morte chega para todos os seres humanos. Chega para os idosos que caminham com passos vacilantes. Seu chamado é ouvido por aqueles que mal venceram a metade da jornada da vida, e, com freqüência, silencia o riso de crianças pequenas.

E quanto à existência além da morte? É a morte o fim de tudo? Esta pergunta me foi feita por um jovem marido e pai que se encontrava às portas da morte. Abri o Livro de Mórmon e, em Alma, li-lhe estas palavras:

"Relativamente ao estado das almas no período compreendido entre a morte e a ressurreição, foi-me dado saber, por um anjo, que os espíritos de todos os homens, logo que deixam este corpo mortal, sim, os espíritos de todos os homens, sejam eles bons ou maus, são levados para aquele Deus que lhes deu a vida.

E deverá suceder que os espíritos daqueles que são justos sejam recebidos num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso e paz onde terão descanso para todas as suas aflições, cuidados e dores" (Alma 40:11–12).

Meu jovem amigo, com olhos umedecidos e com expressão de profunda gratidão, sussurrou um silencioso mas eloqüente "obrigado".

Depois que o corpo de Jesus ficara no túmulo três dias, o espírito voltou a entrar nele. A pedra foi removida, e surgiu o Redentor ressuscitado, revestido de um corpo imortal de carne e ossos. A resposta à pergunta de Jó—"Morrendo o homem, porventura tornará a viver?"—foi dada quando Maria e outras pessoas se aproximaram do túmulo e viram dois homens com roupas brilhantes, que lhes disseram: "Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou" (Lucas 24:5–6).

Testemunhos do Senhor ressuscitado nos dão conforto e compreensão. Primeiro, do Apóstolo Paulo:

"Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras . . . E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia . . . E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze . . . Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos . . . Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo" (I Coríntios 15:3–8).

Segundo, o testemunho conjunto de duas mil e quinhentas de suas outras ovelhas, como está registrado no Livro de Mórmon, um outro testamento de Jesus Cristo. O Senhor ressuscitado disse:

"Levantai-vos e vinde a mim para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo . . .

E depois de se terem todos aproximado e testemunhado pessoalmente, clamaram a uma só voz, dizendo:

Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E, lançando-se aos pés de Jesus, adoraram-no." (3 Néfi 11:13, 14, 16–17.)

Terceiro, de Joseph Smith e Sidney Rigdon: "E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai—



Àqueles que repetem a pergunta de Jó, "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14), os testemunhos do Senhor ressurreto dão conforto e compreensão.

Que por ele, por meio dele e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22–24.)

Em virtude da vitória de Cristo sobre a tumba, todos seremos ressuscitados. Esta é a redenção da alma. Paulo escreveu: "E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres.

Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória doutra estrela.

Assim também a ressurreição dos mortos" (I Coríntios 15:40–42).

É a glória celestial que buscamos. É na presença de Deus que desejamos habitar. É de uma família eterna que queremos ser membros. Tais bênçãos devem ser merecidas. (Vide 2 Néfi 25:23.)

De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos depois desta vida? Estas perguntas universais não precisam mais ficar sem resposta. Nosso Pai Celestial se alegra com aqueles que guardam seus mandamentos. Também se preocupa com o filho perdido, com o adolescente moroso, com o jovem obstinado, com o pai delinqüente. Com ternura, o Mestre lhes fala; e na verdade diz a todos: "Voltai. Erguei-vos. Entrai. Voltai para casa. Vinde a mim." Que alegria eterna nos espera quando aceitamos seu divino convite à exaltação!

Testifico que ele é o mestre da verdade—é, porém, mais do que um mestre. Ele é um exemplo de vida perfeita—mas é mais do que um exemplo. Ele é o grande médico—mas é mais do que um médico. Ele é o Salvador literal do mundo, o Filho de Deus, o Príncipe da Paz, o Santo de Israel, o Senhor ressurreto, que declarou: "(Eu) sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas. Sou a luz e a vida do mundo" (3 Néfi 11:10–11). "Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai" (D&C 110:4).

Como sua testemunha, testifico-vos que ele vive! □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Em épocas de crise, a verdade e o trivial da vida logo se separam.

2. Uma das questões mais ponderadas pelo homem: "De onde viemos?" Os profetas testificam de um Criador divino.

3. Uma segunda pergunta: "Por que estou aqui?" Os profetas testificam de nossos propósitos—ganhar um corpo, adquirir experiência, discernir o bem do mal e aprender que as decisões determinam o destino.

4. Outra questão que também é universal—"Para onde iremos depois que deixarmos esta vida?"—é claramente respondida nas escrituras, especialmente nas referências concernentes à ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

5. As grandes perguntas universais não precisam ficar sem resposta. Com ternura o Mestre nos fala: "Voltai. Erguei-vos. Entrai. Voltai para casa".

Gustavo Adolfo Abalos

A FÉ FEZ COM QUE CHEGÁSSEMOS A TEMPO

Na sexta-feira, dia 19 de agosto de 1988, eu estava de plantão, como policial do distrito de Río Ceballos, perto de Córdoba, Argentina. Às 9h30 daquela manhã, recebi o telefonema de uma enfermeira do centro de saúde, pedindo ajuda. Essas chamadas eram comuns, já que possuíamos uma das poucas ambulâncias da região.

A enfermeira dizia ter, no centro de saúde, uma menina de cinco meses com um caso grave de desidratação, e solicitava transferência urgente para o hospital infantil, em Córdoba, onde existia o equipamento necessário para o tratamento. Eu e o motorista da ambulância rapidamente nos pusemos a caminho e logo tínhamos o bebê e a mãe dentro da ambulância. A criança, uma menina, estava assustada e chorando, tinha febre e oxidação excessiva no sangue; seus olhos estavam bem abertos e o rostinho demonstrava grande dor.

De Río Ceballos ao hospital em Córdoba são quarenta quilômetros, e havíamos percorrido apenas quinze, quando vapor e água fervente começaram a esguichar para fora do capô. Uma luz vermelha surgiu no painel e o medidor de temperatura indicou superaquecimento. Isso não devia acontecer! A ambulância acabara de chegar da revisão. Não tínhamos, contudo, outra escolha senão parar e ver qual era o problema.

A mangueira que conectava o radiador ao motor estava a ponto de explodir e vazando em vários lugares. "Não podemos continuar", disse Oscar, o motorista. "Se tivéssemos continuado por mais alguns metros, o motor teria fundido". Sentindo-se impotente, deu um soco no teto do carro.

Minha mente estava inquieta, tentando encontrar uma solução. Não tínhamos um rádio e não havia outros carros na estrada para pedirmos ajuda. Em nossa volta havia somente campos abandonados. Enquanto isso, o bebê piorava.

Finalmente, disse a Oscar que tínhamos que prosseguir o mais rapidamente possível e tentar chegar a algum lugar onde conseguíssemos ajuda. "Devemos confiar em Deus e ter fé que chegaremos", disse eu.

Oscar hesitou. Se continuássemos, a mangueira poderia explodir e nunca chegaríamos ao hospital. Se esperássemos um pouco mais, o motor teria tempo para esfriar. O bebê, entretanto, estava cada vez pior. Mais uma vez, eu disse a ele: "Oscar, devemos confiar em Deus. Ele nos ajudará a chegarmos ao hospital".

Também encorajei a mãe e sua filha. Enquanto falava, senti alguém me dizendo que, se não perdêssemos a esperança, chegaríamos a tempo de salvar a criança. Com



ILUSTRADO POR DIKAYL DUNKLEY

determinação e confiança, afirmei: "Vamos conseguir".

Demos partida no motor e saímos. O medidor não mostrava temperatura tão alta agora. Não havia mais vapor saindo por baixo do capô. Prosseguimos com cautela e, depois do que pareceu uma eternidade, chegamos ao hospital.

O médico que atendeu o bebê nos disse: "Se tivessem demorado um pouco mais, ela poderia não ter chegado aqui com vida. Encontrava-se num estado bem pior do que pensávamos".

Senti-me muito grato pela ajuda do Pai Celestial, que nos permitiu chegar a tempo. Eu sabia que ele estivera conosco durante todo o percurso.

Enquanto voltávamos para Río Ceballos, discutindo o que acontecera, Oscar disse: "Foi incrível. Eu não achava que iríamos conseguir".

Disse-lhe que havíamos testemunhado um milagre. Ele olhou-me nos olhos, sorriu e concordou com a cabeça. "Orei o tempo inteiro para que Deus nos ajudasse", disse-lhe eu.

"Eu também", ele confessou. "Foi a primeira vez em minha vida que orei tanto. Deus nos ajudou a chegar. Só ele poderia ter feito isso."

Mais tarde, ao meditar sobre o que acontecera, enquanto lia as escrituras, deparei-me com esta passagem, na Bíblia:

"Disseram então os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé.

E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar; e ela vos obedeceria" (Lucas 17:5–6).

Que possamos aumentar nossa fé e confiar no Senhor tanto nas horas boas quanto nas más. □



ILUSTRADO POR DIKAYL DUNKLEY



FOTOGRAFIA DE LEONOR GARCIA

PIONEIROS NO

PARAGUAI



Marvin K. Gardner
Fotografias do autor

É noite de domingo, e a casa de Abílio e Maria Elena Samaniego em Assunção, Paraguai, está animada com o barulho da família. Os três filhos solteiros estão presentes, assim como os três filhos casados e famílias. Agora o jantar terminou e os adultos conversam, enquanto as crianças brincam. De manhã, um dos filhos voltara da missão, portanto, esta é uma noite de recordações, risos e brincadeiras.

Não é de admirar que o ponto principal da conversa seja a Igreja e a família, já que foi exatamente a ênfase dada pela Igreja à família que cativou o irmão Samaniego, há quase vinte anos. "Senti o quanto os missionários amavam minha família", lembra ele. "Mostraram-me como amar meus filhos. Meu coração foi tocado e eu aceitei sua mensagem". A família foi batizada em 1974. Irmão Samaniego aprendeu a ser um patriarca no lar. Agora, ele é também o patriarca da estaca.

Os familiares falam sobre como a Igreja os tem abençoado. Enquanto conversam, uma atmosfera de amor os envolve. Lágrimas e testemunho brotam livremente.

Recordam os anos em que viviam a cinco quilômetros do ramo mais próximo. "Éramos oito, e ficava muito caro ir de ônibus", conta a filha mais velha, Yenny, que agora é mãe de quatro filhos e esposa do presidente da estaca, Gregório Figueredo. "Então nós todos andávamos—duas horas para ir e duas para voltar. Fazíamos isso todo sábado para as atividades da Primária e da Mutual. E, como no domingo as reuniões eram realizadas de manhã e à tarde, íamos e voltávamos duas vezes—um total de

Membros da família Samaniego, *à esquerda*, recordam como a Igreja os tem abençoado por quase vinte anos. Recentemente, muitos ramos foram criados em áreas agrícolas rurais, *abaixo*.



vinte quilômetros. Quando fazia muito calor, às vezes almoçávamos sentados sob uma árvore, no intervalo das reuniões. Desde o dia em que fomos batizados, não me lembro de termos perdido uma só reunião". Agora, todos os seis filhos e suas famílias são fiéis e ativos na Igreja.

Os rapazes lembram-se de que, quando tinham sete ou oito anos de idade, se vestiam com camisa branca e gravata e saíam para ensinar com os missionários de tempo integral. Vários membros da família, incluindo a filha de quinze anos, Carolín, foram missionários de estaca. Agora, os três filhos do casal Samaniego já completaram missão de tempo integral.

As meninas lembram de sua mãe incentivando-as a sair com rapazes que eram membros da Igreja, ainda que parecesse não haver muitos rapazes SUD por perto. Ela dizia: "Certamente existe uma mãe, em algum lugar, preparando um jovem especial para cada uma de vocês". Agora, todos os três filhos casados foram selados no templo.

Irmã Samaniego reflete sobre os anos em que dava aulas no seminário diário: "Levantávamos toda manhã às 5 horas. Enquanto eu ensinava, meu marido preparava o desjejum para a família e para os alunos. Então, todos saíam a tempo de chegar à escola às sete horas". Antes de sua desobrigação como professora do seminário, a irmã Samaniego já havia dado aulas aos seus seis filhos. Também ensinou todos eles na Primária, na Escola Dominical e na Mutual. No momento, ela é presidente da Sociedade de Socorro da ala.



Alguém aparece com um livro de recortes contendo fotos dos Samaniego e de outras "famílias pioneiras", construindo a capela. Eles falam de como a Igreja no Paraguai se tornou mais respeitada, devido ao exemplo dos membros.

Já é tarde da noite, mas ninguém quer ir embora. As recordações levam a mais recordações e, agora, há várias conversas ao mesmo tempo. "Sou muito feliz", diz o irmão Samaniego, tranqüilamente. "Meu coração se alegra esta noite ao ver e ouvir meus filhos e suas famílias. 'Os homens existem para que tenham alegria'. É o que sinto hoje!".

UM FIRME ALICERCE

A Igreja no Paraguai foi construída sobre um alicerce firme por muitos pioneiros — como a família Samaniego—dispostos a sacrificar-se e a servir continuamente, mesmo durante os anos em que o progresso parecia lento.

O Paraguai, durante anos, tem aparentado um atraso em relação às outras áreas da América do Sul, onde o crescimento da Igreja tem ocorrido mais rapidamente. O Paraguai foi parte da missão sediada em Montevidéu, Uruguai, de 1949 até a divisão da missão, em 1977. Sua primeira estaca foi criada em fevereiro de 1979. No ano seguinte, em junho, era formada a segunda estaca. A terceira foi organizada em novembro de 1992.

Atualmente existem 13.000 santos dos últimos dias no Paraguai. Alguns são membros há décadas, outros, há apenas alguns dias. Todos, porém, são pioneiros —pessoas cuja vida foi tocada pelo Espírito Santo e que correspondem com compromisso e fé.

"DECIDI RETORNAR"

A vida não poderia ser melhor para Carlos Espínola, em 1967. Batizado aos 17 anos de idade, cumpriu missão no Uruguai e estava então estudando para formar-se na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah. Estava,



Carlos e Nelly Espínola e seus filhos, *da esquerda para a direita*: Arturo, Alvaro (atualmente em missão no Uruguai), Ariel e Alejandra. "Nossos filhos estão tendo experiências que os estão ajudando a adquirir seu próprio testemunho", diz Carlos. *Na página ao lado*: Bailarinas em um show de talentos numa ala de Assunção.

também, ganhando o que ele considerava um grande salário, escrevendo e preparando materiais para o Corpo da Paz norte-americano, para o ensino das línguas guarani e espanhol—ambas faladas no Paraguai.

Para completar o sonho, Nelly, sua noiva uruguaia, estava pronta para ir a seu encontro. Eles se casariam no Templo de Lago Salgado, ele terminaria os estudos, e teriam uma vida maravilhosa nos Estados Unidos.

Inexplicavelmente, porém, Carlos sentiu que alguma coisa não estava totalmente certa. Tentando conseguir orientação espiritual, ele pediu uma bênção patriarcal. "Minha bênção dizia que era esperado que eu ajudasse meu povo a conhecer a Igreja, e que eu seria um líder entre eles", conta ele. "Quando recebi essa bênção, pensei muito a respeito".

Ele jejuou e orou para saber interpretar a bênção. No fim, "depois de ter recebido a confirmação do Espírito, senti que *lá não era meu lugar.* Senti que realmente o Senhor precisava de mim na América do Sul. Então, decidi retornar".

Apesar de seu visto ter mais um ano de validade, ele deixou tudo—apartamento, móveis, escola e trabalho —e voltou para casa. Carlos e Nelly casaram-se no Uruguai. Lá ele continuou os estudos e obteve dois diplomas—um em administração de empresas e outro em construção. E conseguiu um emprego por menos de um terço do salário que ganhava nos Estados Unidos.

"Meus amigos disseram que eu era louco. Eu, porém, respondi: 'Não, estou feliz porque é o que quero fazer'. E eu sabia das razões por que fazia aquilo. As bênçãos que recebemos por permanecermos aqui já resultaram no cumprimento de muitas promessas de minha bênção patriarcal."

Em 1979, Carlos tornou-se o primeiro presidente de estaca do Paraguai. Quase dez anos depois, tornou-se o segundo paraguaio a servir como presidente de missão. (Ele abriu a Missão Chile Antofagasta.) E tem sido abençoado profissionalmente. Há vinte anos trabalha no Escritório do Bispado Presidente no Uruguai e Paraguai. Atualmente, é o gerente regional para o Bispado Presidente no Paraguai.

"Estamos muito satisfeitos com a vida aqui", diz irmã Espínola. "Para nós, os irmãos da Igreja são como uma família. Espiritualmente, o Senhor abençoou muito a nós e a nossos filhos." Ela e Carlos foram selados no templo e têm quatro filhos: Alejandra, de 22 anos,



Membros do ramo visitam Jorge Arenas (segurando o bebê) e sua mulher, Rosa, em sua casa em Nivaclé Boquerón—um povoado de aproximadamente quarenta famílias SUD. Eles apelidaram a vila de *La Abundancia* (Abundância), o nome de uma cidade nefita mencionada no Livro de Mórmon.

Alvaro, de 20, Ariel, de 16, e Arturo, de 14. Eles falam das maravilhosas experiências que já viveram em família, tanto na missão quanto em casa.

"Nossos filhos são nossa maior herança", diz Carlos. "Eles estão tendo experiências que os ajudam a adquirir seu próprio testemunho. Posso ver que estão vivendo com luz própria".

"ESTAMOS PENSANDO EM NOSSO BEBÊ"

No interior do *Gran Chaco*—o deserto árido e esparsamente povoado que cobre boa parte do noroeste paraguaio—encontra-se Nivaclé Boquerón, um povoado com aproximadamente quarenta famílias SUD. Esses membros, índios Nivaclé, apelidaram sua vila de *La Abundancia* ("Abundância"). A maioria fala somente o nivaclé; alguns falam também um pouco de espanhol. Mudaram-se para lá vindos de Mistolar, um povoado maior e mais afastado de índios SUD Nivaclé (vide Élder Ted E. Brewerton, "Mistolar: Oásis Espiritual", *A Liahona*, setembro de 1990, página 10). Duplas de missionários ajudaram o grupo de *La Abundancia* a cavar um poço em cada extremidade da vila e também os estão ensinando a criar cabras e a plantar e colher—o bastante para sua subsistência e um pouco para vender.

O ramo se reúne numa capela de madeira de um cômodo, iluminada por lampiões de querosene. Quase toda noite há algum tipo de atividade lá, normalmente uma aula do seminário que, mais tarde, se transforma em ensaio do coral. Dele participam jovens e adultos, cantando os hinos a quatro vozes, sem piano.

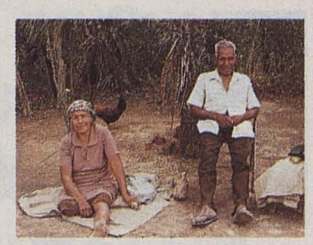
Fora da capela há uma fonte batismal simples, feita por eles mesmos. Há uma área onde os rapazes jogam *fútbol*. Há também um jardim, algumas árvores e um pequeno cemitério.

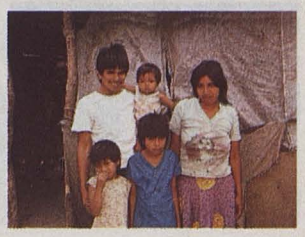
Enterrado nesse cemitério está Ireneo Arenas, o filho recém-nascido de Jorge Arenas e de sua esposa, Rosa. Em agosto de 1989, Jorge e Rosa deixaram Mistolar com seus três filhos pequenos e duas outras famílias, numa viagem de mais de 2100 quilômetros de ônibus, até o templo de Buenos Aires, Argentina. "Ao sairmos de Mistolar, o bebê estava doente, com gripe", diz Jorge. "Quando chegamos a Buenos Aires, ele estava bem pior. Fazia muito frio. Entramos no templo e fomos selados como família. O bebê continuava doente".

Quando retornaram ao Paraguai, preferiram ficar em

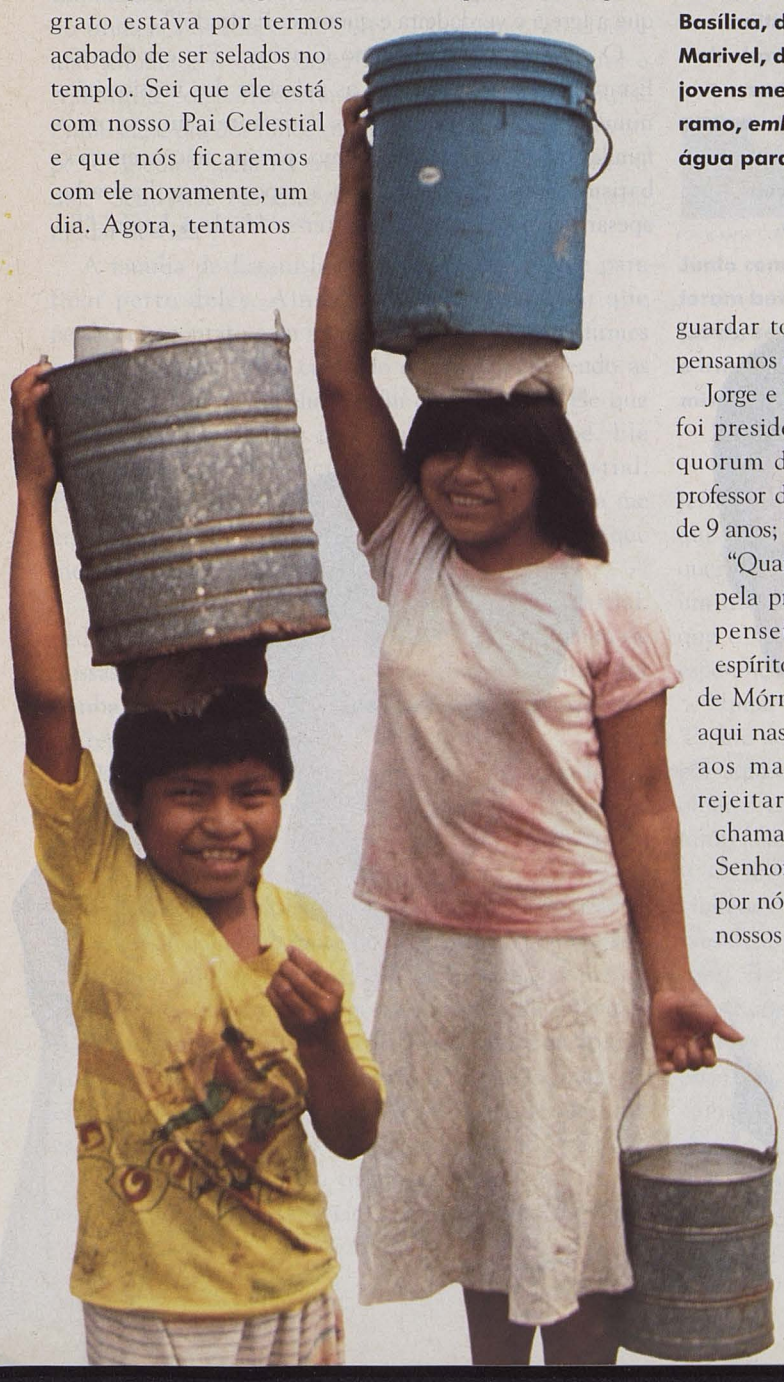
La Abundancia a viajar várias horas mais até Mistolar. O bebê continuou a piorar. "Não havia nada que pudéssemos fazer por ele", diz Jorge. Cinco dias mais tarde, o bebê morreu.

"Enquanto carregava meu filho, eu pensava em quão grato estava por termos acabado de ser selados no templo. Sei que ele está com nosso Pai Celestial e que nós ficaremos com ele novamente, um dia. Agora, tentamos guardar todos os mandamentos do Pai Celestial, pois pensamos em nosso bebê."





À direita: **Membros em Nivaclé Boquerón.** ***Abaixo:*** **Jorge e Rosa Arenas com suas filhas Dominga, de 9 anos, Basílica, de 7, e Marivel, de 2. Dois jovens membros do ramo, *embaixo*, levam água para casa.**



Jorge e Rosa mudaram-se para *La Abundancia*. Jorge já foi presidente do ramo; agora está na presidência do quorum de élderes e é regente-assistente do coro e professor do seminário. O casal tem três filhas: Dominga, de 9 anos; Basílica, de 7, e Marivel, de 2.

"Quando os missionários me ensinaram o evangelho pela primeira vez", diz ele, "senti alguma coisa que pensei ser o Espírito Santo. Sempre sinto esse espírito, especialmente quando estou lendo o Livro de Mórmon. Jesus Cristo visitou nossos antepassados aqui nas Américas. Por certo tempo, eles obedeceram aos mandamentos. Mais tarde, porém, eles os rejeitaram. Quero servir naquilo para o que for chamado na Igreja, porque sei que assim fazendo o Senhor nos abençoará. Sei que Jesus Cristo morreu por nós e foi ressuscitado por nossa causa. Ele perdoa nossos pecados. Sei que ele vive."

"EU OS ESTAVA PROCURANDO"

Na cidade de Coronel Oviedo, um missionário paraguaio nativo, élder Cristian Turrini, orou para que o Senhor o ajudasse e a seu companheiro, élder Matthew Porter, a encontrar pessoas que estivessem preparadas



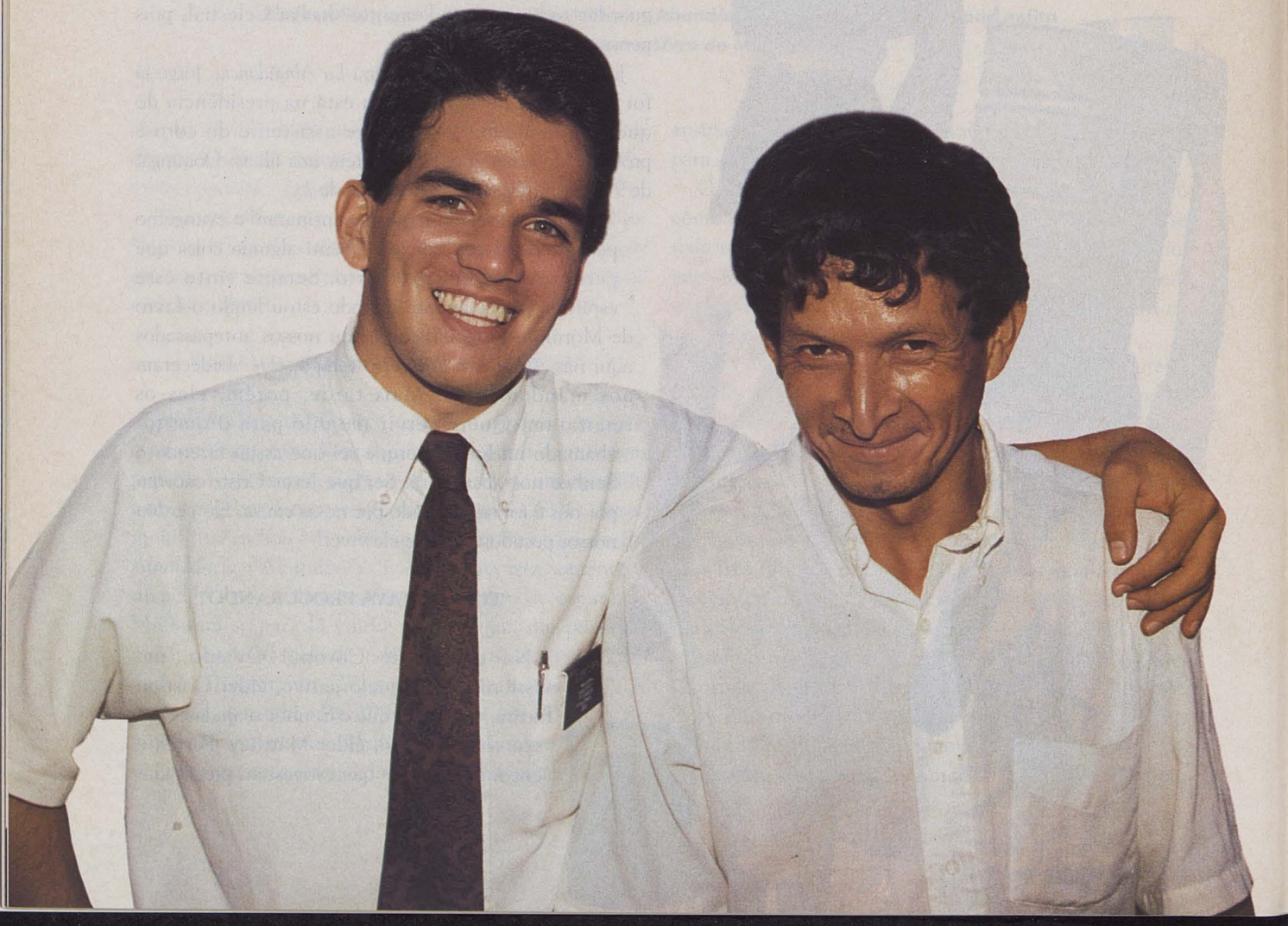


Estradas quase intransitáveis, à *esquerda*, tornam difícil o acesso à longínqua casa de Isabelino Giménez. *Abaixo*, élder Cristian Turrini tinha acabado de orar para encontrar alguém puro de coração, quando ele e seu companheiro encontraram Isabelino.

para ouvir o evangelho. Depois da oração, eles saíram e andaram dois quarteirões. Um *campesino* (homem pobre do campo) correu até eles. Falando em guarani, perguntou:

"São missionários SUD? Eu os estava procurando, sei que a Igreja é verdadeira e quero ser batizado!"

O *campesino* era Isabelino Giménez. Ele e a esposa, Estanislada, tinham ouvido as palestras dos missionários numa cidade distante poucos anos antes, junto com a família de Estanislada. Isabelino, porém, não aceitara o batismo e não permitira que a esposa fosse batizada, apesar de toda a família dela ter-se filiado à Igreja. "Eu



havia dito a ela: 'Vamos sair desta cidade e buscar nosso futuro'. Na verdade, eu estava fugindo do evangelho".

Isabelino e Estanislada mudaram-se para uma remota região na selva paraguaia. "Fizemos uma longa caminhada pela selva", conta ele. "Chegamos sem nada. Só tínhamos as roupas do corpo. Dormíamos no chão e mal tínhamos o que comer". Ele abriu uma clareira e trabalhou com afinco na formação de uma lavoura. Então ele e um dos filhos tiveram um tipo de infecção no pé. O médico local foi incapaz de sequer aliviar-lhes a dor. "Sentia-me bastante desencorajado e triste. Queria mudar de vida".

A família de Estanislada mudou-se da cidade para ficar perto deles. Ainda que isso fizesse com que perdessem contato com a Igreja, eles continuaram firmes em sua religião. "Meu cunhado estava sempre lendo as escrituras", conta Isabelino. "Um dia eu disse a ele que não conseguia dormir por causa da dor no pé. Ele respondeu que eu precisava orar ao Pai Celestial. Perguntei-lhe: 'Como devo orar?'. E ele começou a me ensinar a respeito da oração. Disse-me que eu tinha que me entregar ao Senhor.

"Naquele dia, ajoelhei-me e orei ao Pai Celestial, pedindo perdão. Pedi que curasse meu filho e a mim de nossas infecções. Disse-lhe que precisava trabalhar por minha família. Quando contei à minha esposa que me entregara ao Senhor, ela sorriu de felicidade.

Os pais dela começaram a me ensinar sobre a Igreja. Lemos o Livro de Mórmon e *Princípios do Evangelho*. Eles me ensinaram a orar em nome de Jesus Cristo. Nossas feridas cicatrizaram-se."

Isabelino e Estanislada queriam então ser batizados, mas não sabiam como proceder. Não tinham como voltar à cidade onde os missionários os haviam ensinado. Finalmente, quatro anos após ser curado da infecção, Isabelino fez a viagem de quatro horas, a pé e de ônibus, até Coronel Oviedo—a cidade mais próxima—na esperança de que a Igreja estivesse lá e que ele fosse capaz de encontrar os missionários.

"Desci do ônibus, no terminal, e perguntei a um menino numa bicicleta se ele sabia onde era A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; ele me disse que era muito longe. Andei aproximadamente quatro quarteirões em direção ao centro da cidade e perguntei a um homem, que disse não saber. Comecei a orar para que o Pai Celestial me ajudasse, e assim não perdi a esperança.

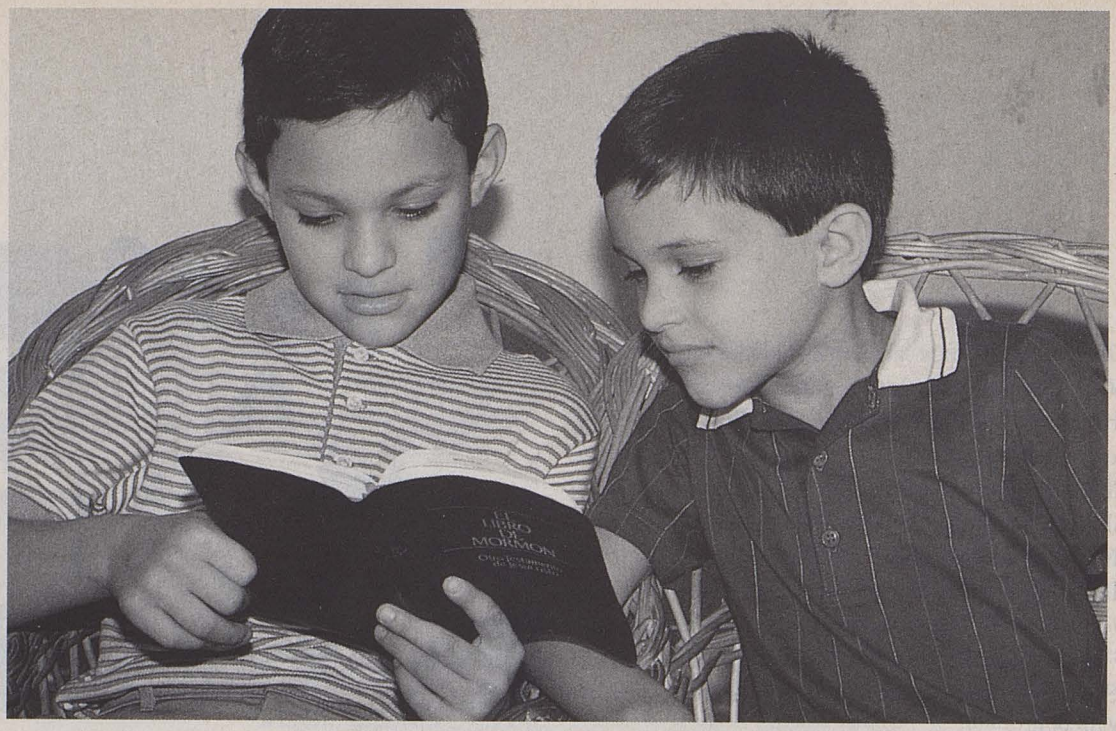


FOTOGRAFIA: CORTESIA DE CRISTIAN TURRINI

Junto com Isabelino e Estanislada *(atrás, ao centro)*, foram batizados dois de seus filhos, uma filha adotiva *(atrás, segunda da esquerda para a direita)* e o irmão e irmã mais jovens de Estanislada—vistos aqui com os missionários.

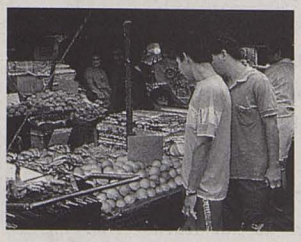
Numa esquina, perguntei a uma mulher. Ela disse: 'Espere aqui. Eu conheço os missionários. Eles passarão por aqui em breve'. Quando os vi, atravessei a rua sem olhar o trânsito. Eu poderia ter sido morto, mas queria tanto falar com eles."

Os missionários estavam ansiosos por ensinar a família Giménez. Em primeiro lugar, receberam permissão do presidente de missão para viajar até o remoto lugarejo na selva. Então, saíram às 6 da manhã e viajaram cerca de duas horas de ônibus, de Coronel Oviedo até uma cidade vizinha. Lá, encontraram Isabelino e viajaram com ele em outro ônibus por mais trinta minutos. Depois, caminharam por uma hora e meia através da floresta, chegando à casa dos Giménez às dez horas. "Acho que nunca andei tanto", diz élder Turrini. "Eu nunca tinha estado assim na selva, apesar de ser paraguaio. Vimos



Dionisio e Gladys Aguilera, *abaixo, à direita*, não puderam esperar os missionários baterem à sua porta e foram *eles mesmos* procurá-los. Agora, seus filhos Eduardo, de 9 anos, e David, de 7, estudam o Livro de Mórmon, em preparação para sua própria missão. *Abaixo, à esquerda*, centro da cidade de Assunção.







vários animais, cobras e pássaros. Quando chegamos à casa deles, a família nos tratou como se fôssemos anjos. As crianças pularam em cima de nós e os adultos estavam em lágrimas. Eles haviam orado por nossa segurança e tinham o almoço pronto para nós".

Naquele dia, os missionários ensinaram três palestras a um grupo de aproximadamente trinta pessoas. Algumas delas eram da família de Estanislada—membros da Igreja—que tinham quase perdido a esperança de reencontrar a Igreja. Outros eram vizinhos interessados. Após três horas de ensino, os missionários voltaram para casa.

No dia seguinte, os Giménez foram para Coronel Oviedo. Chovia e, como eles estavam com crianças pequenas, a viagem levou sete horas. Os élderes ensinaram as últimas três palestras e, no dia seguinte —domingo, 8 de setembro de 1991—Isabelino e Estanislada foram batizados, assim como seus filhos, Aníbal e Diana, uma filha adotiva e o irmão e irmã mais novos de Estanislada. Eles têm ainda dois filhos, Derlis e Emanuel.

"Quando submergi na água", diz Isabelino, "não sei como aconteceu, mas senti-me como se estivesse morto por um segundo. Quando emergi, senti tanta felicidade que chorei de alegria. Ao ser confirmado, tive uma sensação maravilhosa. Levantei-me então para prestar testemunho e não consegui terminá-lo por causa da grande alegria que sentia. Desde aí tenho compartilhado meu testemunho com meus amigos e meu próximo. Quero que eles sintam a alegria que sinto."

"FOMOS AO ENCALÇO DELES"

Durante anos Gladys e Dionisio Aguilera, de Assunção, viram os missionários SUD andar pela cidade e imaginavam quem eram e o que faziam. "Eles nunca bateram à nossa porta", diz Gladys, "mas nós queríamos que o fizessem".

"Disse à minha esposa que deveríamos ajudá-los, pois trabalhavam duramente e se sacrificavam pelo povo de nosso país", diz Dionisio, um mecânico de automóveis. "No fim, *nós* acabamos indo ao encalço deles, e não eles ao nosso!"

Eles convidaram duas missionárias norte-americanas para visitá-los—e algumas semanas mais tarde, em julho de 1991, foram batizados. Em cerca de duas semanas, Dionisio e Gladys foram chamados como presidentes dos Rapazes e das Moças, no Ramo de Anahí.

"Estávamos casados havia doze anos e éramos felizes", diz Gladys. "Muitas vezes, contudo, sentíamos que faltava algo. Depois que fomos batizados, começamos a ver coisas novas, coisas que nunca tínhamos visto antes." Por exemplo, eles se lembram da reverência que sentiram no primeiro dia em que jejuaram—experimentaram um espírito que nunca haviam sentido antes. E contam a respeito de uma bênção que curou um de seus filhos.

"Agora nossa felicidade está completa", diz a irmã Aguilera. Eles estão preparando seus filhos, Eduardo, de 9 anos, e David, de 7, para cumprirem missão. Uma nova capela SUD foi construída a apenas um quarteirão da casa deles. "Não me contento com o testemunho que tinha quando fui batizada", diz ela. "Vejo-o crescer todo dia".

"MI COLONEL"

Sua postura majestosa não é, de modo algum, arrogante. Ele trata as pessoas como um querido avô trataria—com ternura, muito amor e sem o menor sinal de superioridade. Não obstante, como coronel reformado do exército paraguaio, ele parece sentir-se tão à vontade associando-se com os mais altos líderes do governo e do exército, quanto se sente com a família e amigos, ou enquanto cumpre designações da Igreja. Sendo muito estimado igualmente por membros e não-membros, é freqüente e respeitosamente chamado de "mi colonel".

Há trinta anos, em 1963, Luíz A. Ramírez estava servindo como jovem major no exército paraguaio. Um dia ele achou um exemplar do Livro de Mórmon sobre a mesa, em sua casa, em Assunção. Ele nunca vira o livro antes e não sabia de onde surgiu, mas, abrindo-o, começou a folheá-lo. "Dizia que era 'a palavra de Deus'", ele lembra. "Aquela frase—a palavra de Deus—penetrou

Em casa, em Assunção: Coronel Luis A. Ramírez com a esposa, Hortência, e a filha, Lizet, que recentemente voltou da missão no Uruguai.







FOTOGRAFIA DE LEONOR GARCIA

em mim profundamente. Então, comecei a ler, e um grande interesse despertou dentro de mim".

Era o momento perfeito. "Durante aproximadamente três meses, eu vinha sentindo a necessidade de me aproximar de Deus", diz ele. Não estava satisfeito com sua religião, mas tinha começado a ir à sua igreja aos domingos, de qualquer modo, esperando encontrar algumas respostas. "Comecei a orar a Deus—não o tipo de oração que tinha sido ensinado a fazer, mas de modo bem semelhante ao que os missionários me ensinariam mais tarde. Isso continuou por três meses. Então, eu encontrei o livro".

"Quem trouxe este livro?" ele perguntara à família. Um parente de quinze anos de idade ganhara-o de dois missionários dias antes, na casa de um amigo. "Continuei a ler, interessando-me cada vez mais. Então, disse ao rapaz: 'Quando vir esses missionários de novo, convide-os a nos visitar'."

Quando os missionários apareceram alguns dias mais tarde, Luis estava quase no fim do Livro de Mórmon, e tinha muitas perguntas. Nas três semanas seguintes, ele e a esposa, Hortência, receberam duas palestras por semana. No sábado seguinte à terceira visita, foram batizados. Como resultado disso, amigos e parentes também ficaram interessados no evangelho e foram batizados. Logo, o "major" tornou-se o "presidente"—do Ramo Morôni, em Assunção.

A certa altura da carreira militar, o irmão Ramírez foi designado para outro país, ficando longe da família por quinze meses. Durante aqueles tempos difíceis de solidão, "o evangelho ajudou-me bastante", conta ele. "Eu orava e jejuava freqüentemente e sentia-me bem perto de minha família. Tinha absoluta certeza de que estaria sempre seguro. Sentia a ajuda do Senhor através do Espírito".

Em 1969, seis anos após o batismo, irmão Ramírez foi promovido ao posto de coronel. Lecionou na escola militar até a aposentadoria, em 1975, nunca escondendo que era um santo dos últimos dias. Com o passar dos anos, alguns de



seus alunos ficaram interessados na Igreja e foram batizados devido a seu exemplo.

Reformado do exército, irmão Ramírez e família passaram cinco anos em Utah, onde ele se formou na Universidade Brigham Young. Não muito depois do retorno ao Paraguai, foi chamado como presidente de missão, sendo o primeiro paraguaio a ocupar esse cargo.



E seu campo missionário era seu país nativo.

Desde sua desobrigação, em 1984, Coronel Ramírez continua servindo como conselheiro em presidências de missão e estaca, fortalecendo membros e ajudando a organizar a Igreja em distritos e ramos distantes. Além disso, continua a servir como consultor nas relações da Igreja com o governo paraguaio, abrindo portas que, talvez, ninguém mais pudesse ter aberto. Com humildade característica, ele minimiza sua importância nesse campo: "Talvez eu tenha ajudado um pouco", diz. Aqueles que já trabalharam com ele, entretanto, sabem de sua grande habilidade de fazer amigos para a Igreja e de ser um embaixador da boa-vontade entre os líderes nacionais.

Alguns de seus antigos alunos e colegas, agora em posições de responsabilidade no país, lembram-se dele e respeitam-no como santo dos últimos dias. "Algumas vezes vejo meus alunos, que agora são majores ou coronéis, e eles param e perguntam: 'Como vai a Igreja?' Eu lhes digo que está indo muito bem".

"AGORA ESTÁ MUITO MAIS PERTO O DIA"

Realmente, a Igreja no Paraguai *está* "indo muito bem". E a história da Igreja nesse país continua a ser escrita—tanto por santos de segunda e terceira geração, como por novos conversos. Com a recente organização da terceira estaca, o otimismo é grande: "Nós vivemos no Paraguai desde que a Igreja tinha só dois ramos", diz o irmão Carlos Espínola. "Sinto que agora está muito mais perto o dia em que a Igreja terá um grande crescimento aqui. Quando o Presidente Ezra Taft Benson dedicou esta terra à pregação do evangelho, disse que haveria muitas estacas no Paraguai. Posso ver que esse dia chegará rapidamente". □

POR QUE ESTOU CORRENDO?

Élder Angel Abrea
dos Setenta

Usamos sabiamente o grande dom do livre-arbítrio, ou deixamos que outros o controlem?

Conta-se uma história na Argentina mais ou menos assim: Alguns cães estão parados numa esquina, conversando sobre os infortúnios e problemas que enfrentavam em sua vida de cachorro. Eles são muitos, e a conversa é barulhenta. De repente, o mais observador grita: "A carrocinha de cachorros!" Imediatamente, os animais saem correndo em todas as direções, tão rapidamente quanto possível. A uns dois quarteirões de distância, um deles pára e diz: "Por que estou correndo? Sou um gato!".

Apesar de ser uma história geralmente contada para crianças, considero-a de extrema importância para todos nós. Várias vezes agimos como aquele gato—por causa do que outras pessoas fazem ou dizem, deixamos de pôr em prática um dos maiores dons que Deus nos deu, o dom de fazer escolhas.

Todos nós temos o livre-arbítrio. Nossa exaltação depende disso. E cada um de nós prestará contas ao Pai Celestial, do progresso alcançado por tê-lo usado sabiamente.

Vamos parar um momento e analisar o uso que estamos fazendo da liberdade de escolha. É quase o mesmo que se perguntar: "Por que estou correndo?"

O homem ajuda a determinar seu próprio destino por meio das escolhas que faz. Esta é uma lei eterna. Colhemos o que semeamos.

Não podemos espalhar sementes de preguiça e pouco esforço e esperar receber as bênçãos da dedicação e do trabalho diligente. A cada dia, pelas escolhas que fazemos, decidimos se vamos incrementar a construção de nossa morada eterna com o Pai Celestial, ou se escorregaremos ao longo de um caminho que nos priva das bênçãos eternas. Samuel, o lamanita, expressou enfática e sinceramente este conceito:

"E agora, meus irmãos, recordai, recordai que todos os que perecem, perecem por culpa própria, e todos os que praticam iniqüidades o fazem por si mesmos; pois eis que sois livres e tendes o privilégio de proceder segundo vossa livre vontade, porque Deus vos deu o conhecimento e vos fez livres." (Helamã 14:30.)

Felicidade ou infelicidade, paz de espírito ou angústia, tudo depende das escolhas que fazemos diariamente. Não poderemos sentir que estamos usando sabiamente o dom do livre-arbítrio enquanto deixarmos que outros tomem decisões por nós.

QUEM DECIDE

Certa vez conheci um homem que conseguiu chegar a uma alta posição numa companhia. Diariamente ia para o escritório com uma maleta executiva. Um dia, sua esposa perguntou-lhe: "Por que carrega essa maleta para o trabalho todo dia?"

Ele respondeu: "O vice-presidente-executivo é uma pessoa muito importante, e os papéis com que ele lida

ILUSTRADO POR SCOTT GREER



são também muito importantes, concorda?"

"Sim", ela disse. Logo depois, porém, perguntou: "Quantas vezes abre a maleta para usar os papéis?"

"Na verdade, muito poucas", respondeu ele.

Então ela perguntou: "Se a maleta lhe dá uma sensação de importância, não seria mais fácil carregar uma vazia?".

Enquanto ele pensava a respeito, ela acrescentou:

"Se, porém, carrega-a só pela aparência, deixe-me lembrá-lo de que, ao deixar o escritório, o único a vê-lo é o zelador."

Freqüentemente nos tornamos escravos de rotinas. Fazemos o que ditam os costumes. Só porque a maioria faz alguma coisa, não significa, porém, que ela seja certa. Um importante fator que determina nossa exaltação é saber, com a consciência limpa, o motivo que nos impele, os pensamentos interiores que mais tarde resultarão em ações.

Usamos o livre-arbítrio em nossos pensamentos, assim como o usamos em ações. O Presidente David O. McKay expressou isto desta maneira: "Cada um de nós é o arquiteto do próprio destino; e é realmente desventurado aquele que tenta estruturar-se sem a inspiração de Deus, sem entender que o crescimento vem de dentro e não de fora" (*Instructor*, janeiro 1964, p. 1).



Se não usarmos eficazmente o livre-arbítrio no que diz respeito a pensamentos, nossa mente não será treinada para estabelecer metas e controlar desejos. Se o que pretendemos cumprir não estiver bem definido em nossa consciência, haverá falta de direção em nossas ações; elas poderão ser substituídas por atitudes e metas de outras pessoas.

A RESPEITO DO TEMPO

Pense naqueles que vivem repetindo frases feitas, sem pensar no que realmente estão dizendo. Essas frases, contudo, em muitos casos determinam o modo como agimos.

Por exemplo, algumas pessoas dizem: "O tempo voa", quando na verdade o tempo passa em ritmo constante. Ou dizem: "Economizar tempo". O tempo, porém, não pode ser economizado ou emprestado. Quantas vezes ouvimos falar de alguém que quer "compensar o tempo perdido"? Uma vez que o tempo passa, porém, não pode ser reposto.

Essas frases sobre o tempo são comumente usadas. Na verdade, freqüentemente nós mesmos as usamos, sem ponderar o seu significado.

Não há dúvida de que tempo é o que há de mais escasso em nossa vida. A menos que o administremos sabiamente, poderá não haver mais nada a administrar. O Presidente Spencer W. Kimball disse: "O desperdício é injustificável, especialmente o desperdício de tempo—limitado como ele é em nossos dias de provação" (*O Milagre do Perdão*, p. 94).

Então, a solução não é queixar-se ou juntar-se àqueles que declaram: "Não há

ILUSTRADO POR SCOTT GREER

tempo". A solução é usar o tempo sabiamente. A autodisciplina no uso do tempo é de suma importância na tarefa de tomar decisões. Quando não o usamos sabiamente, não usamos o livre-arbítrio sabiamente.

APENAS HUMANO

Outra frase feita, muito usada como justificativa para não exercermos completamente o direito de escolha é esta (geralmente dita em tom de derrota e resignação): "A oposição é forte, e eu sou apenas humano".

Como pode alguém pensar na oposição como fator limitativo? Oposição não é justificativa para falta de ação, e sim o próprio motivo para agirmos.

Léhi, falando a Jacó, disse: "Porque é necessário que haja uma oposição em todas as coisas. Pois, se assim não fosse, . . . não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal" (2 Néfi 2:11).

As aflições, a oposição, as condições que alguns definiriam como desfavoráveis, estarão conosco por toda esta vida de provações. A oposição é um princípio que sempre esteve conosco. Não podemos permitir que nossa condição humana seja uma justificativa para a falta de ação positiva quando confrontamos uma situação desafiadora.

Alguns acreditam que, por sermos humanos, nossa fraqueza é justificada. Acreditar nisso significa sugerir que Deus nos mandou à terra na condição preconcebida de que falharíamos, cedendo inevitavelmente às tentações de Satanás.

As escrituras, porém, nos ensinam: "Na verdade digo que os homens devem se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem;

Pois neles está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa" (D&C 58:27–28).

Estes versículos mostram claramente a atitude que devemos desenvolver ao nos defrontarmos com cada obstáculo—uma atitude de seguir avante com entusiasmo, vigor e boa vontade. Nessa citação do Senhor, e nos versículos que a cercam, encontramos várias frases importantes: "Ocupar zelosamente", "sua própria e livre vontade", "neles está o poder" e "fazer o bem". Cada frase é uma mensagem em si mesma. Juntas, porém, motivam-nos a usar espontaneamente nossos talentos e liberdade de escolha.

Nessas palavras o Salvador nos ensina que devemos servir de boa vontade, baseados no desejo de assim proceder, muito mais do que fazer o trabalho simplesmente porque somos obrigados. Para encontrar a alegria de viver de acordo com a vontade do Salvador, devemos desejar sinceramente agradá-lo. Isso nos trará paz de espírito e uma sensação recompensadora que não poderá ser obtida de outra forma.

O LADO DO SENHOR

Precisamos dispor de algum tempo todos os dias para ponderar a grande bênção que é termos o livre-arbítrio. O Élder George Albert Smith disse:

"Há uma linha bem definida que separa o território do Senhor do de Lúcifer. Se vivemos no lado do Senhor, Lúcifer não pode vir influenciar-nos, mas se cruzamos a linha do seu território, estamos em seu poder. Guardando os mandamentos do Senhor, estamos seguros no seu lado da linha, mas se desobedecemos a seus ensinamentos, voluntariamente cruzamos a linha da zona de tentação e atraímos a destruição que lá está sempre presente. Sabendo disto, quão ansiosos deveríamos constantemente estar para viver do lado do Senhor" (*Improvement Era*, maio 1935, p. 278).

É meu sincero desejo que, no conflito diário para tomar decisões, nos encontremos sempre no lado da linha que pertence ao Senhor. □



SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • SETEMBRO DE 1993

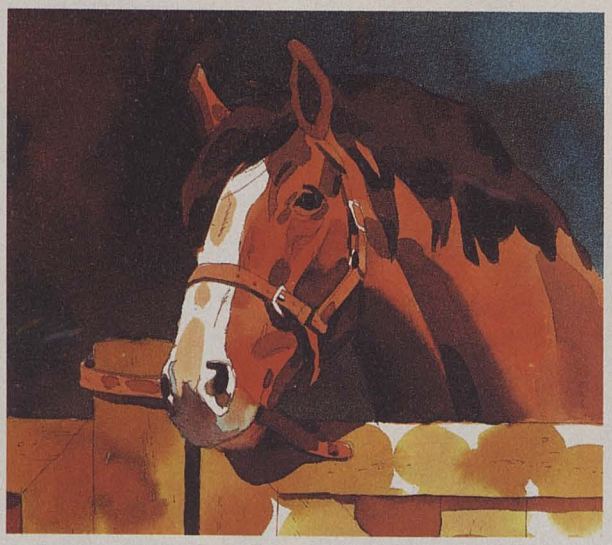


JOSEPH FIELDING SMITH

Kellene Ricks Adams



1. Joseph Fielding Smith passava muitas horas montando sua égua, Junie, e tomava conta dela muito bem. Depois de uma cavalgada, ele sempre a levava para passear e a escovava. À noite, tinha o cuidado de trancá-la na cocheira do celeiro.



ILUSTRADO POR PAUL MANN

2. Junie, porém, era uma égua esperta. Depois que Joseph a deixava no celeiro à noite, ela desatava a correia que prendia a porta da cocheira com o focinho e os dentes.



3. Sempre que conseguia sair, nunca fugia. Em vez disso, abria a torneira do quintal da família Smith, e então andava pelo jardim ou pela relva.



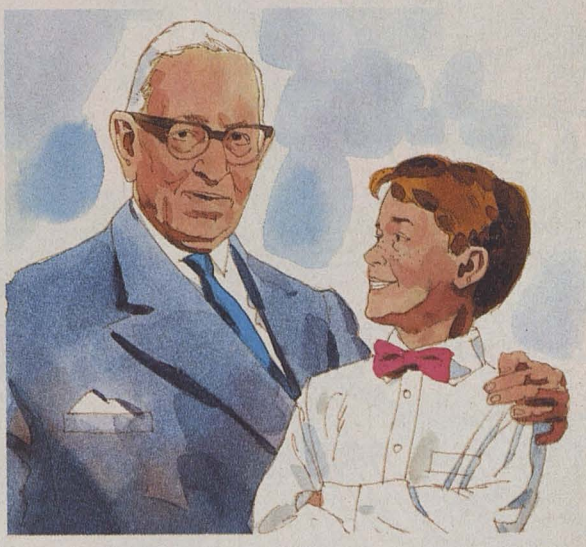
4. Se Joseph ouvia a água correndo à noite, ele sabia que Junie se soltara de novo. O pai de Joseph brincava com o filho, dizendo que talvez a égua fosse mais esperta do que ele.



5. O pai de Joseph decidiu prender Junie de um modo que ela não conseguisse escapar, afivelando a correia em volta de uma viga e debaixo de um travessão. "Mocinha", disse ele à égua, "vamos ver se consegue fugir agora".



6. Enquanto caminhavam de volta para casa, ouviram Junie caminhando bem atrás deles. Joseph não resistiu à vontade de perguntar ao pai se Junie não era mais esperta do que ele!



7. Joseph Fielding Smith tinha um grande senso de humor e prazer em viver. Muitos anos mais tarde, quando se tornou o décimo Presidente da Igreja, ele incentivou outros membros da Igreja a apreciarem a vida. □

FICÇÃO

A SURPRESA

Marjorie A. Parker



ILUSTRADO POR TAIA MORLEY

Juntar as folhas secas do quintal com um ancinho não era tão fácil quanto Shannon pensava, nem tão divertido. O ancinho era maior do que ela e difícil de segurar.

"Quer que eu a ajude?", perguntou a mãe.

"Não, obrigada", respondeu Shannon. "Quero limpar tudo sozinha para fazer uma surpresa para o pai."

O ar do outono estava frio e as folhas secas estalavam ao serem esmigalhadas sob os pés. O sol, porém, brilhava reluzente e, com o exercício, Shannon começou a sentir calor e tirou a blusa de lã.

"Que tal uma limonada?", perguntou a mãe.

Dessa vez, ela disse que sim.

"Seu pai vai gostar muito da surpresa."

"Eu sei." Shannon terminou de beber o refresco e voltou correndo para o quintal, pois queria que tudo estivesse pronto antes que o pai chegasse.

Ela trabalhou, trabalhou e trabalhou. Finalmente, restou apenas uma grande pilha de folhas coloridas no meio do quintal. Mal podia esperar para mostrar a surpresa ao pai.

Da janela da cozinha, a mãe chamou-a, dizendo: "Adivinhe quem estou ouvindo chegar . . . "

Shannon correu até a calçada para abraçar o pai. Uma rajada súbita de

DE SHANNON







vento quase a derrubou, mas o pai segurou-a e deu-lhe um grande abraço. "É melhor eu segurá-la", disse ele, rindo. "Não quero que o vento leve embora a minha filha querida".

"Vamos lá para o quintal", disse ela, puxando-o. "Tenho uma surpresa."

Um pouquinho antes de chegarem ao quintal, Shannon disse: "Agora, feche os olhos e não abra até eu mandar". Ela guiou-o pelo resto do caminho, indo devagar para que ele não tropeçasse. "Minha pilha de folhas!" gritou ela. "Estão todas espalhadas!"

O pai abriu os olhos. "Não fique triste, meu anjo", disse ele, depois que ela lhe contou o que acontecera. "Foi uma linda surpresa".

"Como, se o vento estragou tudo?"

"Bom, o monte de folhas não é realmente a surpresa—mas sim saber que uma menina muito especial trabalhou arduamente para fazer uma coisa que agradasse ao pai. O vento não pode levar essa surpresa embora, por mais forte que sopre."

O rosto de Shannon iluminou-se num sorriso. "Verdade?".

"Claro!", disse o pai, beijando-a na testa. "Aposto que nós dois juntos poderíamos varrer esse quintal num minuto."

Shannon sorriu. "Vou pegar o ancinho". □

CREIO EM SER HONESTO

Judy Edwards



"E que todo homem negocie honestamente" (Doutrina e Convênios 51:9).

O Livro de Mórmon nos fala sobre um grupo especial de pessoas honestas e fiéis a sua fé. Eram lamanitas que conheceram o evangelho de Jesus Cristo, tiveram fé nele, arrependeram-se dos seus pecados e foram batizados na Igreja. Denominaram-se anti-néfi-lehitas. Como tivessem aprendido que era errado lutar, enterraram as armas de guerra e fizeram um convênio com o Pai Celestial de que "nunca mais usariam armas" (Alma 24:18). Guardaram tão fielmente esse convênio e todos os mandamentos, que se tornaram conhecidos por serem "perfeitamente honestos e justos em todas as coisas" (Alma 27:27).

Os anti-néfi-lehitas ensinaram os filhos a serem honestos. Queriam que seus filhos e filhas fossem fiéis ao evangelho e corretos no relacionamento com as pessoas e com o Pai Celestial. Devido ao bom exemplo dos pais, os filhos queriam ser também justos, honestos e fiéis ao evangelho.

O Livro de Mórmon descreve esses meninos, depois de já terem crescido: "E eram todos jovens, muito valentes e corajosos, dotados de grande vigor e atividade; mas eis que isto não era tudo, pois eram também homens fiéis em todas as ocasiões e em todas as empresas que lhes fossem confiadas" (Alma 53:20).

Esses jovens anti-néfi-lehitas tornaram-se famosos como os "jovens soldados de Helamã". Devido a sua honestidade e força espiritual, foram uma grande ajuda para o povo.

Podemos ser como o exército de Helamã, seguindo o exemplo dos lamanitas justos e sendo honestos e fiéis.

Instruções

Pinte a figura da próxima página. Retire a página da revista e cole numa folha de cartolina. Reconte a história dos anti-néfi-lehitas, utilizando essa gravura e as escrituras da história.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Defina honestidade. O que é uma pessoa honesta? "Uma pessoa honesta ama a verdade e a justiça. Ela é honesta em palavras e ações. Não mente, não rouba ou engana" (Manual de Princípios do Evangelho, *p. 192). Usando exemplos reais com os quais as crianças estejam familiarizadas, faça-as descobrir a melhor solução para os casos que forem apresentados; depois, faça uma representação das situações debatidas. Por exemplo: (1) Se encontrassem uma carteira na rua, o que fariam? (2) Se fossem a uma loja para sua mãe e o balconista lhes desse troco a mais, o que fariam? (3) Se pudessem alcançar algumas maçãs da macieira do vizinho, cujos galhos estivessem pendendo para o seu quintal, o que fariam?*

2. Explique às crianças que aprendemos a ser honestos e a cumprir promessas quando somos jovens. Ao crescermos, fazemos convênios com o Pai Celestial, como no batismo e no templo. Peça às crianças que citem promessas que fazem à família e aos amigos, e convênios que fazem com o Pai Celestial. Debata como cumprir promessas pode ajudá-los a se prepararem para guardar convênios sagrados.

3. Conte histórias de crianças que começaram cedo na vida a falar a verdade e viver honestamente. (Vide I Samuel 1: cabeçalho; 3:1–10, 19–20; Alma 56: cabeçalho, 45–56; Daniel 1:3–17.) □

Como os anti-néfi-lehitas aprenderam que era errado lutar, enterraram as armas de guerra e fizeram um convênio com o Pai Celestial de que "nunca mais usariam armas" (Alma 24:18).



ILUSTRADO POR LORI ANDERSON WIN

FICÇÃO

ERIN, A BOA SA



ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWA

A MARITANA



Pamela Brayton

"Quem conhece a parábola do Bom Samaritano?" perguntou a irmã Stewart à classe do CTR.

"Eu conheço!" exclamou Erin, levantando a mão. "É a história de um homem que foi ferido por ladrões e dois homens passaram por ele e não o ajudaram, mas o Bom Samaritano parou e ajudou-o."

"Isso mesmo, Erin. Obrigada. O Bom Samaritano não somente parou e ajudou o homem, mas levou-o para uma estalagem. Vamos ler Lucas 10:30–35. Quem trouxe as escrituras hoje?"

As crianças revezaram-se na leitura dos versículos. A irmã Stewart perguntou: "Dan, o que fez o Bom Samaritano na estalagem?".

"Deu dinheiro ao dono da estalagem e pediu-lhe que tomasse conta do ferido."

"Certo. O Bom Samaritano, além de ajudar o ferido, andou a segunda milha, certificando-se de que ele receberia os cuidados necessários na estalagem. Quero ver quem de vocês prestará um serviço a uma pessoa esta semana, andando a segunda milha. Falaremos de algumas de suas experiências na aula do próximo domingo."

A caminho de casa, Erin ficou pensando em alguma coisa que pudesse fazer. *Tem de ser algo para alguém que realmente precise de ajuda*, decidiu ela, mas não conseguiu

pensar em nada. Naquela noite, ao ajoelhar-se ao lado da cama para orar, pediu ao Pai Celestial que a ajudasse a encontrar alguém que realmente estivesse precisando de ajuda.

Os dias foram passando e nada aconteceu. Erin prestou vários serviços. Por exemplo: Ajudou a lavar os pratos e a preparar o lanche para a noite familiar, mas tudo isso eram coisas que ela sempre fazia. Os pais de Erin sempre agradeciam sua ajuda, mas agora Erin queria fazer algo especial.

Finalmente chegou o domingo. Passara-se uma semana inteira, e ninguém, exceto a família, precisara da ajuda de Erin. Ela sentou-se no banco do carro por um momento, olhando as pessoas entrarem na Igreja. *O que vou dizer à irmã Stewart e à classe?* pensou ao sair do carro para participar da abertura da Escola Dominical.

Nesse exato momento, chegou a caminhonete verde da família Armstrong, fazendo um barulhão no estacionamento. Eles tinham cinco filhos, todos com menos de seis anos de idade. Obviamente, a irmã Armstrong devia ter passado a manhã muito ocupada, porque ainda tinha os cabelos molhados e uma das crianças ainda estava comendo um pedaço de torrada. O irmão Armstrong, membro do bispado, chegara à Igreja mais cedo para outras reuniões, deixando a irmã Armstrong sozinha para vestir as cinco crianças e levá-las para a Igreja no horário.

Enquanto Erin observava, a irmã Armstrong procurava os sapatos de Lizzy, sua filha de dois anos, que caíram debaixo do banco.

A irmã Perkins passou correndo por ela com os braços



cheios de livros, flores e papéis, dizendo: "Bom dia, irmã Armstrong!".

Enquanto a irmã Armstrong lutava para colocar os sapatos de Lizzy, Mark, seu bebê, vomitou em toda sua roupa. Crystal, de três anos, deu goma de mascar para todas as crianças, enquanto a mãe não estava olhando, e agora, Ahsley, de quatro anos, tinha goma de mascar grudada na sua linda trança. A única que não estava causando nenhum problema era Marilyn, de cinco anos, que a pedido da mãe tinha entrado na Igreja para chamar o pai. No meio de toda essa confusão, a irmã Armstrong sentou-se e chorou.

De repente, Erin percebeu que a família Armstrong era a resposta a suas orações. Ela pôs as escrituras no chão e correu para a caminhonete. "Deixe-me ajudá-la, irmã Armstrong", disse Erin ansiosa, "O que eu faço primeiro?"



"Erin, você é a minha salvação!" exclamou a irmã Armstrong, enxugando os olhos.

Juntas, calçaram os sapatos de Lizzy, limparam Mark e tiraram a goma de mascar do cabelo de Ashley. Depois, Erin pegou as escrituras, Mark e a sacola de fraldas e entrou na Igreja. No hall de entrada, encontraram o irmão Armstrong.

"Pelo jeito, você virou a Boa Samaritana", disse ele, pegando Mark e dirigindo-se para a capela.

Erin sentou-se com os Armstrong durante a abertura da Escola Dominical, depois ofereceu-se para levar Lizzy e Crystal para suas classes da Primária.

"Ajudou-nos muito hoje, Erin. Muito obrigada", disse a irmã Armstrong.

"Gostaria de ajudar todos os domingos, se não se importar. Posso esperar lá fora até chegarem e sentar com vocês durante a abertura da Escola Dominical."

A irmã Armstrong ficou muito contente e aceitou a ajuda de Erin. Enquanto se dirigia para sua classe da Primária, Erin pensava no sorriso da irmã Armstrong. Erin sentiu um arrepio gostoso da cabeça aos pés. Conseguira cumprir o desafio de servir e andar a segunda milha.

Naquela noite, Erin ajoelhou-se ao lado da cama, agradeceu ao Pai Celestial por guiá-la até a família Armstrong e por ajudá-la a compreender como era maravilhoso servir aos outros e andar a segunda milha. □

PROFISSÕES DO NOVO TESTAMENTO

Cheryl D. Warner

Combine cada pessoa do Novo Testamento com sua profissão.

1. _____ Lucas	a. Fariseu, príncipe dos judeus *(Vide João 3:1.)*
2. _____ Nicodemos	b. Sacerdote *(Vide Lucas 1:5.)*
3. _____ Simão	c. Médico *(Vide Colossenses 4:14.)*
4. _____ Zacarias	d. Mendigo *(Vide Marcos 10:46.)*
5. _____ Paulo	e. Curtidor *(Vide Atos 9:43).*
6. _____ Mateus (Levi)	f. Fazedor de tendas *(Vide Atos 18:1–3.)*
7. _____ José	g. Carpinteiro *(Vide Mateus 1:18; 13:55.)*
8. _____ Lídia	h. Coletor de impostos (publicano) *(Vide Mateus 9:9; Lucas 5:27.)*
9. _____ Bartimeu	i. Centurião *(Vide Atos 10:1.)*
10. _____ Cornélio	j. Vendedora de púrpura (tinta) *(Vide Atos 16:14.)*

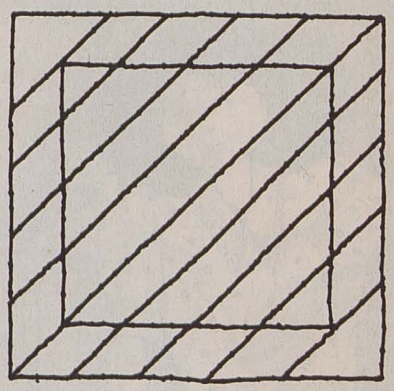
LIGUE OS PONTOS

Roberta L. Fairall

Por que está descalço?



Porque não tenho dinheiro para comprar sapatos.



TRIÂNGULOS EM QUADRADOS

Ruth A. Iman

Quantos triângulos há dentro desses dois quadrados?

Respostas:
Triângulos em Quadrados: dezoito
Profissões do N.T.: (1) c; (2) a; (3) e; (4) b; (5) f; (6) h; (7) g; (8) f; (9) d; (10) i.



ILUSTRADO POR PAUL MANN

O TESTEMUNHO DE UM MENINO

Charlotte Grossnickle Domenico
Baseado em um incidente real

Minha mãe pegou pedaços de madeira de uma pilha cada vez menor no chão da cozinha e colocou-os dentro do fogão a lenha. Ela estava aquecendo o forno para assar pão. Seis pães cresciam na prateleira acima do fogão. Uma golfada de ar quente atingiu meu irmão Jack, de cinco anos, e meu tio Bob, de dez, ao entrarem com uma braçada de tocos de madeira que empilharam cuidadosamente ao lado do fogão. Na família do meu pai, os meninos eram considerados homens com dez anos e deviam trabalhar o dia inteiro.

Tio Bob é o irmão mais novo de meu pai. Ele tinha dezessete anos quando tio Bob nasceu. Meu pai sempre teve um amor especial por ele. Onde quer que morássemos, meu pai sentia saudades do tio Bob e ia freqüentemente à casa dos pais somente para vê-lo.

Quando criança, tio Bob vinha visitar-nos muitas vezes. Ajudava meu pai a cortar feno e a fazer o trabalho do campo. Carregava madeira para minha mãe e gostava muito de todos os pratos deliciosos que ela preparava.

O restante da família de meu pai convertera-se a A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias depois que meu pai já era adulto e saíra de casa. Tio Bob era o membro mais jovem da família de meu pai e tinha um





testemunho especial da Igreja.

Um dia, tio Bob empilhou um monte de madeira no chão da cozinha e virou-se para minha mãe. O Espírito tocou-o fortemente e ele começou a explicar princípios que tinha aprendido na igreja, nas escrituras e em orações pessoais. Contou-lhe muitas coisas sobre o evangelho de Jesus Cristo e sobre a oração de Joseph Smith para saber qual igreja era verdadeira, assim como sobre sua descoberta de que nenhuma das igrejas daquela época continha a plenitude do evangelho. Tio Bob disse-lhe como Joseph Smith tinha tido o privilégio de ver Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, e de saber por si mesmo que cada um deles tinha um corpo de carne e ossos como o dele. Os olhos de tio Bob não se desviaram de minha mãe nem por um momento enquanto ele prestava forte testemunho.

Minha mãe não acreditava que um menino tão jovem quanto tio Bob pudesse saber essas coisas. Ficou zangada com as palavras que ouviu e disse ao tio Bob: "Pode vir a nossa casa quando quiser, mas nunca mais mencione essas coisas aqui novamente".

Tio Bob amava meus pais e queria voltar sempre que pudesse. Ele concordou. "Tia Ruth, nunca mais falarei dessas coisas em sua casa, eu prometo. Também prometo que um dia me pedirá que a batize."

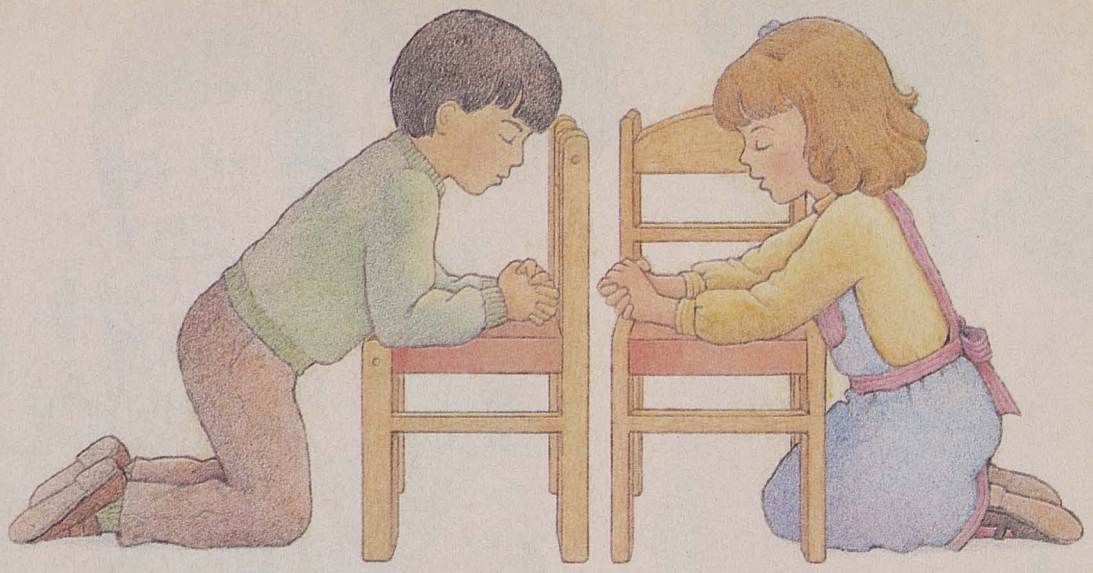
Ora, isso foi há muitos anos, quando os jovens não expressavam sua opinião abertamente. Esperava-se que mostrassem respeito pelos mais velhos. Tio Bob teve que usar de muita coragem para falar com minha mãe dessa maneira.

Passamos muitos bons momentos com tio Bob. Ele ficava conosco às vezes, quando meus pais iam visitar a família de minha mãe, mas jamais quebrou a promessa que fizera à minha mãe de nunca falar das grandes verdades do evangelho e de nunca prestar testemunho, nem mesmo quando ambos, meu pai e minha mãe, estavam fora.

Certa vez, Tio Bob foi passar duas semanas conosco. Minha irmã Jeannie fazia um bolo de especiarias todos os dias. Batíamos dois litros de creme puro para a cobertura. O cheiro parecia penetrar nos cantos da casa, saindo para os campos onde Jack e tio Bob trabalhavam. Dava água na boca . . . era um cheiro tão gostoso. Mas nem assim, com o fogão abastecido de lenha e o estômago cheio de um delicioso bolo, tio Bob quebrou a promessa que fez a minha mãe.

Os anos foram passando, um após outro. Tio Bob ficou adulto, casou, teve seis filhos e uma filha. Ele sempre foi ativo na Igreja. Sabia que ela era verdadeira. Serviu em muitos cargos no decorrer dos anos. Servia onde precisassem dele, e mais tarde tornou-se patriarca da estaca e oficiante no Templo de Portland Oregon.

Em 1971, tio Bob tinha cinqüenta anos e minha mãe sessenta e quatro, quando ela lhe telefonou certo dia. É curioso—depois de todos esses anos, ela ainda se lembrava! Minha mãe disse: "Pode vir, Bob? Pode vir e me batizar?". Em 15 de abril de 1971—quarenta anos depois que meu tio fizera sua promessa—ele batizou minha mãe, que se tornou membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. □



APROXIMAR-SE MAIS DE DEUS

Élder Henry B. Eyring
dos Setenta

Conversamos com pessoas todos os dias, que dizem que Deus não existe, ou que está muito, muito distante. Uma mulher sentada a meu lado no avião disse-me certa vez que achava que Deus era "um de nossos antepassados distantes". Por um lado, ela estava certa. Deus é nosso antepassado, mas está próximo, não distante. Ele é o pai de nossos espíritos; somos seus filhos. Tal como aquela mulher, porém, às vezes todos nós nos sentimos distantes dele.

Se desejássemos ficar perto de alguém muito querido que se encontrasse distante, saberíamos como fazê-lo. Encontraríamos uma forma de falar com essa pessoa, de ouvi-la, e descobriríamos maneiras de fazer coisas uma pela outra. Quanto mais freqüentemente isso ocorrer e quanto mais tempo durar, mais forte será o laço de afeição. Quanto mais tempo se passar sem que nos falemos, sem que ouçamos uma à outra, sem que nos sirvamos mutuamente, mais o laço se enfraquecerá.

Assim como um amigo amoroso nos dá a oportunidade de nos aproximarmos mais dele, Deus nos ama e oferece-nos a mesma oportunidade; e podemos fazê-lo da mesma maneira: falando, ouvindo e agindo.

O Pai Celestial não apenas nos convidou a falarmos com ele, mas nos ordenou que o fizéssemos. O Senhor diz em Doutrina e Convênios: "Ora sempre e derramarei o meu Espírito sobre ti, e grande será a tua bênção" (Doutrina e Convênios 19:38).

Depois de orar, devemos ouvir com toda a atenção. O Espírito nos dará um testemunho ao lermos as escrituras, ouvirmos os servos autorizados do Senhor e quando Deus falar diretamente a nosso coração.

Agiremos, depois de ouvirmos, porque quando escutamos a voz de Deus, por meio do Espírito, sempre nos sentimos impelidos a fazer algo.

Agora, até mesmo o Salvador, quando estava na cruz, sentiu que seu Pai estava distante dele. Haverá momentos, talvez longos, em que sentiremos uma separação, mas o caminho para nos aproximarmos mais de Deus é orar, ouvir e obedecer-lhe todos os dias. □

(Adaptado de um discurso da Conferência Geral de abril de 1991)

ILUSTRADO POR BETH WHITTAKER

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

A BOA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DA TERRA

Deus deu a Adão e Eva uma grande responsabilidade quando ordenou: "Enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai" (Gênesis 1:28). Herdamos de nossos primeiros pais a responsabilidade de administrar os recursos da terra que o Pai Celestial criou e cuidar deles.

As instruções do Senhor de "sujeitar" e "dominar" subentendem que devemos fazer bom uso da terra, dos minerais, do ar, da água, das plantas e dos animais do mundo. "Encher" sugere que recoloquemos parte do que retiramos da terra e do ar, a fim de que continuem a abençoar-nos.

ADMINISTREMOS BEM AQUILO QUE NOS FOI CONFIADO

"Sim, todas as coisas boas que provêm da terra na sua estação, são feitas para o benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos, como para alegrar o coração" (D&C 59:18). Quando administramos os recursos da terra sabiamente, sentimos alegria e podemos compartilhar esse sentimento com as pessoas.

Uma mulher e o marido compraram uma casa em más condições, devotando muitas horas de trabalho para transformar o quintal de ervas-daninhas em um jardim repleto de flores. Os transeuntes ficavam encantados com a visão do jardim bem cuidado e das lindas flores.



ILUSTRADO POR RON PETERSON

Um jovem bispo e a família colheram frutas de suas árvores frutíferas para os vizinhos mais idosos. Os pais e as crianças deram da abundância que tinham, não somente em frutas, mas em amizade.

• *O que pode fazer para tornar melhor o local onde vive?*

AJUDEMOS A REABASTECER A TERRA

"Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores" (Apocalipse 7:3). Enquanto a nossa geração sabe mais do que nunca como fazer a terra produzir mais por hectare, nós também desperdiçamos mais, consumimos mais combustível fóssil, derrubamos mais árvores e somos mais capazes de poluir o ar e a água do que nunca. Podemos, no entanto, ajudar a preservar e reabastecer os recursos da terra.

As irmãs das Filipinas enterram lixo orgânico e esterco de galinha no solo das hortas. Com a conservação dos seus recursos, elas convertem lixo em fertilizantes que melhoram a qualidade dos alimentos para suas famílias.

As famílias do Japão e de Taiwan utilizam as terras ao longo das valas e as que cercam suas casas e fábricas, para plantar arroz e hortaliças.

Todas as famílias dos vilarejos das planícies desertas dos Andes plantam um pé de eucalipto por ano. Uma década mais tarde podem começar a cortar uma árvore por ano para fazer lenha para cozinhar e aquecer ambientes. Em muitas outras áreas do mundo, as pessoas ajudam a repor árvores e a replantar florestas tropicais como recursos para as gerações futuras.

As mulheres podem começar em casa a reutilizar e conservar o que têm e economizar água. Podem andar em vez de dirigir, e assim economizar gasolina feita de combustíveis fósseis, reduzindo a poluição do ar.

Há vários anos, uma mãe de cinco filhos decidiu que poderia ajudar e comprou produtos de tecido reutilizável e vidro, em lugar de papel descartável. Sua família envolveu-se em atividades comunitárias de reciclagem de jornal, alumínio, vidro e plástico. Estudaram também animais e espécies de plantas em extinção e como preservá-los.

• *De que maneira podemos ajudar a reabastecer os recursos da terra?* □

GEORGE ALBERT SMITH

UM EXEMPLO VIVO DE AMOR

Arthur R. Bassett



A maioria de nós não consegue resistir às pessoas que nos têm profundo amor e sabem demonstrá-lo de maneira significativa.

O Presidente George Albert Smith, oitavo Presidente da Igreja, tinha uma preocupação e um amor genuínos pelas pessoas, sentimentos estes reconhecidos igualmente por membros e não-membros. Por exemplo, Beverly Nichols, novelista britânica, escrevendo sobre sua visita a Utah durante uma viagem pelos Estados Unidos, disse: "Se já encontrei um homem honesto, íntegro, temente a Deus, esse homem foi o Presidente Smith".

Um outro não-mórmon, falando no funeral do Presidente Smith, disse: "Ele era um homem sem malícia, um homem religioso e líder espiritual, não só em sua própria Igreja, mas em qualquer grupo. Mesmo estando sozinho com ele, sentia-se sua espiritualidade".

Essa espiritualidade foi adquirida durante uma vida de serviço ao Senhor, e baseava-se nos ensinamentos que recebera por meio de sua forte herança SUD. Seu pai era John Henry Smith, Apóstolo e conselheiro do Presidente Joseph F. Smith. Seu avô, George A. Smith, era Apóstolo e conselheiro do Presidente Brigham Young. Sua mãe era filha do pioneiro Lorin Farr, que ajudou a fundar a cidade de Ogden, em Utah, e foi seu primeiro prefeito.

George Albert também aprendeu uma grande lição, sobre os joelhos de Brigham Young. Com apenas cinco anos, a mãe vestira-lhe um terno de veludo preto e mandara-o procurar Brigham Young, como portador de uma carta, pedindo auxílio para a compra de algumas passagens de trem para Ogden. O pai de George Albert estava em missão na Grã-Bretanha e sua mãe precisava de assistência.

George Albert caminhou os dois quarteirões até o escritório do Presidente Young e abriu o pesado portão de madeira do muro que na época cercava a sede da Igreja. Viu-se cara a cara com um forte segurança chamado John Smith, que o interpelou: "O que quer?". Apavorado, George respondeu: "Quero falar com o Presidente Young", ao que o homem retrucou: "O Presidente Young não tem tempo para gente como você". Segundo o próprio relato do Presidente Smith, àquela altura o menino estava prestes a desmaiar, mas justamente nesse momento abriu-se a porta do escritório e o Presidente Young saiu e perguntou: "'O que há, John?'

John respondeu: 'Este menininho aqui deseja ver o Presidente Young', e caiu na gargalhada. Achou que era

O Presidente Brigham Young colocou George Albert sobre seus joelhos e, com a maior gentileza que se possa imaginar, perguntou: "O que deseja do Presidente Young?"

ILUSTRADO POR PAUL MANN



ILUSTRADO POR PAUL MANN

uma boa piada. O Presidente Young, porém, com toda a dignidade do mundo, disse-lhe: 'John, faça-o entrar'.

O guarda não teve outro remédio senão deixar-me entrar e conduzir-me à varanda onde estava o Presidente Young . . .

O Presidente Young tomou-me pela mão, levando-me para seu escritório; sentou-se à sua mesa e colocou-me sobre seus joelhos, com o braço nos meus ombros. Com a maior gentileza que se possa imaginar, perguntou: 'O que deseja do Presidente Young?'

Imaginem só! Ele era o Presidente de uma grande Igreja e governador de um Território, e com todos os deveres que tinha a desempenhar, eu, um menino, era recebido com toda dignidade e gentileza, como se fosse o governador de um estado vizinho".

George Albert nunca esqueceu aquela lição de cortesia e sempre procurava ser sensível aos sentimentos das pessoas, independentemente da condição de cada um.

Ele ainda conheceria muita gente nos anos seguintes. Aos vinte anos, trabalhava como vendedor da *Zion's Cooperative Mercantile Institution*, e viajava de carroção por todo o Estado de Utah, conhecendo todo tipo de pessoa, nas mais diversas circunstâncias. Ocasionalmente, entretinha as pessoas com sua harmônica ou guitarra, ou fazia demonstrações de sua destreza com clavas indígenas e halteres, que utilizava para manter a forma física. Seu senso de humor abriu muitas portas e corações.

O trabalho ajudou-o a pagar os estudos na Academia Brigham Young, em Provo, Utah, e na Universidade Deseret (atual Universidade de Utah), na Cidade do Lago Salgado. Ele cumpriu duas missões. A primeira, em benefício da antiga Associação de Melhoramentos Mútuos (AMM) dos Rapazes e das Moças, trabalhando com os jovens nos povoados da região sul de Utah. Recebeu o segundo chamado uma semana depois de seu casamento com Lucy Emily Woodruff, em maio de 1892. A esposa uniu-se a ele nesse chamado e ambos serviram no escritório da Missão dos Estados do Sul dos Estados Unidos.

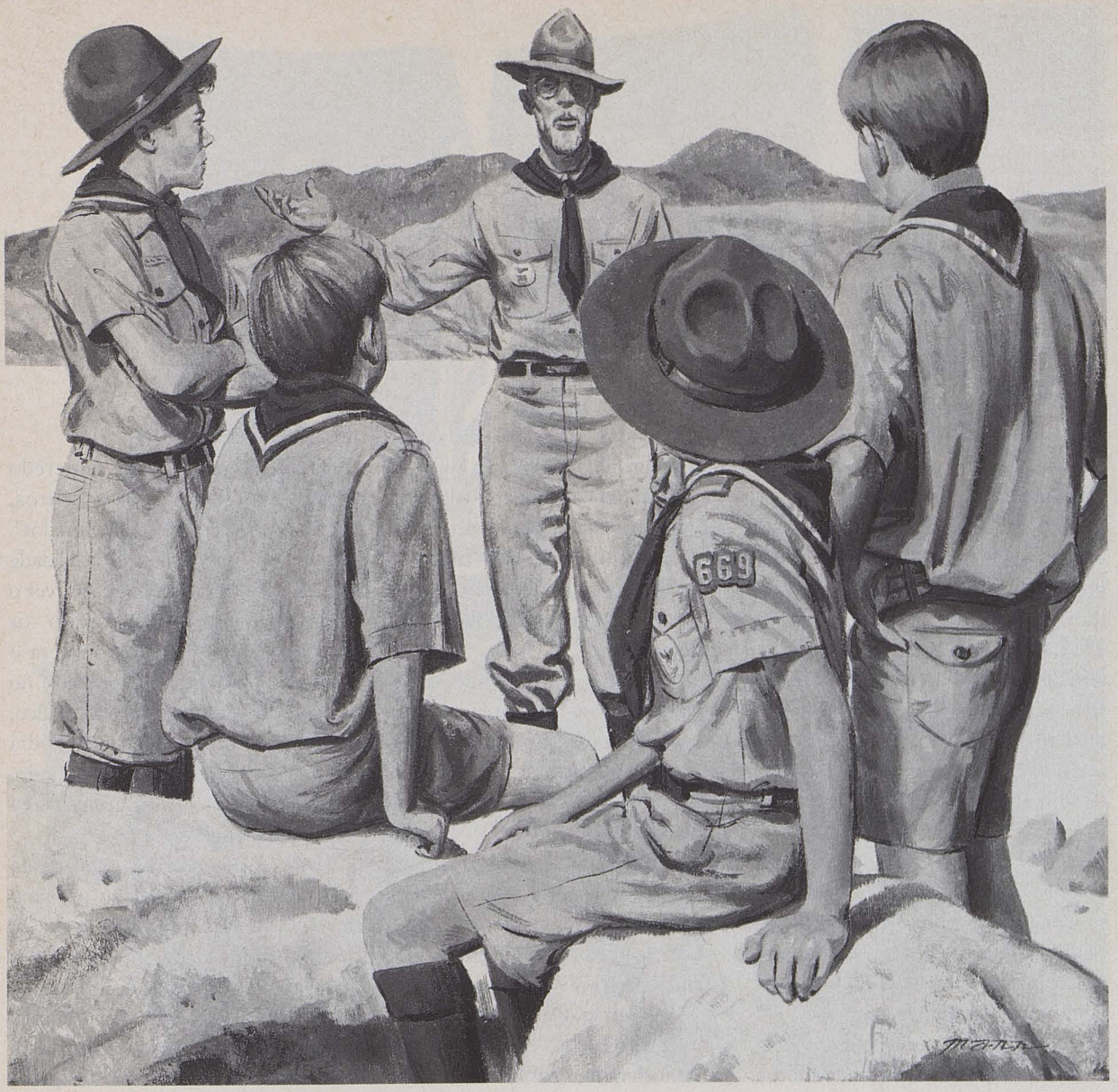
Naqueles tempos, a perseguição contra os mórmons nos estados do Sul dos Estados Unidos ainda era intensa. Certa vez, Élder Smith estava com um grupo de missionários numa cabana de troncos, sob o assédio do populacho. Enquanto os missionários se agachavam no assoalho, o quarto era varrido por uma saraivada de balas, mas durante todo o tempo, não houve qualquer sinal de amargura da parte do Élder Smith, apenas a determinação de trabalhar com mais afinco para "compartilhar o evangelho com os outros filhos de Deus".

Depois de sua missão, o jovem casal se instalou na Cidade do Lago Salgado, onde tiveram três filhos: Emily, Edith e George Albert Jr.

As atividades do Élder Smith em prol do Partido Republicano valeram-lhe um cargo federal no recém-reconhecido Estado de Utah. Suas outras atividades fora da Igreja incluíam trabalhos para os Filhos da Revolução Americana, para os Escoteiros da América, e congressos agrícolas nacionais.

Em todos os casos, conquistou preeminência nacional na organização. Tornou-se vice-presidente dos Filhos da Revolução Americana; recebeu o "Castor de Prata" e o "Búfalo de Prata", as mais altas distinções do escotismo nos Estados Unidos; serviu na Junta Nacional Executiva dos Escoteiros da América e foi presidente do Congresso Internacional de Irrigação e Cultivo. Seu valor pessoal foi reconhecido em tudo que empreendeu, em parte por causa de sua intensa sensibilidade para com o bem-estar alheio.

Em 1903, a vida de George Albert e a de sua família passaram por uma grande mudança. Aos trinta e três anos de idade foi ordenado Apóstolo, servindo como membro do Quorum dos Doze com seu pai.



Élder Smith gostava de atividades e acampamentos para escoteiros e recebeu reconhecimento nacional por seus serviços ao Escotismo.

Apesar de ter ficado surpreso com o novo chamado, lembrou: "Minha bênção patriarcal, recebida das mãos de Zebedee Coltrin quando eu tinha doze anos de idade, indicava que um dia eu seria Apóstolo".

Como Apóstolo, formulou uma lista de metas que refletia seu passado e o credo pelo qual viveria como servo do Senhor. Seu "credo de vida", como ele próprio o denominava, incluía sua determinação de "ser um amigo para os necessitados e encontrar alegria aliviando as necessidades dos pobres".

Uma outra idéia de seu credo era: "Sabendo que o Redentor da humanidade ofereceu ao mundo o único plano que nos desenvolverá na plenitude, tornando-nos realmente felizes aqui e no além, sinto que é não apenas um dever, mas um bendito privilégio disseminar esta verdade".

E espalhar a verdade foi o que ele fez ao cumprir seus encargos apostólicos, que incluíram servir como presidente da Missão Européia de 1919 a 1921. Ele continuou a servir na liderança geral da AMMR durante os anos de missão e, quando voltou da Europa, tornou-se



presidente geral dessa Associação.

Como Apóstolo, Élder Smith viajou muito, visitando vários países da Europa e do Pacífico Sul. Por onde passava, causava boa impressão da Igreja. Em um discurso na conferência geral de outubro de 1921, ele disse: "Amo meus irmãos e minhas irmãs, e tenho afeição pelos filhos de meu Pai que não são membros desta Igreja; enquanto ele me der força física e poder mental, desejo viver de modo a ser um instrumento para o aperfeiçoamento de todos aqueles com quem tenho contato".

Como Apóstolo novo, George A. Smith viu uma Europa devastada pela guerra. Como presidente do Quorum dos Doze, veria aquele continente de novo em guerra, uma guerra que terminou seis dias antes da morte do Presidente Heber J. Grant. Élder Smith foi apoiado Presidente da Igreja em 21 de maio de 1945.

Pouco depois de vestir o manto do profeta, o Presidente Smith enviou o Élder Ezra Taft Benson à Europa, a fim de supervisionar uma ajuda maciça proporcionada pela Igreja.

Na conferência geral de outubro de 1947, Presidente Smith falou sobre sua visita a Washington D.C. para encontrar-se com o Presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman.

"Quando o visitei, ele recebeu-me muito amavelmente . . . e eu disse: 'Vim vê-lo para averiguar qual seria a atitude do Senhor Presidente, se os santos dos últimos dias tivessem alimento, vestuário, roupa de cama preparados para enviar de navio para a Europa'.

Ele sorriu e, olhando-me, disse: 'Bem, o que os senhores querem embarcar para lá? O dinheiro deles não tem nenhum valor'.

Disse eu: 'Não queremos o dinheiro deles'.

Ele olhou-me e perguntou: 'O senhor não quer dizer que lhes dará de graça!'.

Retruquei: 'Claro que lhes daremos de graça. São nossos irmãos e estão sofrendo. Deus abençoou-nos com abundância, e sentimo-nos satisfeitos em mandar estas coisas, se pudermos contar com a colaboração do governo'."

A ajuda foi rapidamente providenciada sob forma de vagões de trem e espaço para a remessa. Após socorrer os membros da Igreja, toneladas de trigo foram enviadas a não-membros da Grécia que passavam fome. Ele conhecera a pobreza na própria carne quando jovem e fazia o possível para socorrer os que sofriam seus efeitos; jamais poderia sofrer de apatia.

Ele praticava seu credo de "encontrar alegria, aliviando as necessidades dos pobres".

Também era parte do seu credo "visitar os enfermos e aflitos, e inspirar-lhes fé para serem curados". Era comum nos hospitais da Cidade do Lago Salgado e outros locais, ver o Presidente Smith visitando os pacientes. Ele também conhecera o sofrimento. Durante alguns anos, no princípio de seu ministério apostólico, esteve tão enfermo que não podia servir ativamente em seu chamado. Dez anos mais tarde, comentava numa conferência geral:

"Estive no vale da sombra da morte há poucos anos, tão próximo do outro lado, que estou certo de que não poderia ter permanecido aqui, não fosse pela bênção especial de nosso Pai Celeste. . . . Quanto mais me aproximava do outro lado, maior era minha certeza de que o evangelho é verdadeiro."

Ele jamais esqueceu as lições daquela enfermidade e, sem dúvida, elas contribuíram para a profundidade de sua compaixão, a fim de que, à semelhança do Mestre, pudesse saber, "segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades" (Alma 7:12).

Apesar da doença, diagnosticada finalmente como lúpus eritematoso, enfermidade que causa fraqueza física crônica, o Presidente Smith viveu para ver o mundo de novo envolvido em tensão política, quando o oriente



O Presidente Smith fez uma visita ao Presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman, pedindo auxílio para enviar provisões a "nossos irmãos e nossas irmãs" da Europa do pós-guerra.

se opôs ao ocidente e a guerra da Coréia se iniciou. "O mundo está doente", advertiu ele na conferência de outubro de 1949.

Na mesma conferência, comentou: "Podemos fazer leis até o dia do juízo final, mas isso não tornará os homens retos. Será necessário que pessoas que estão na escuridão se arrependam de seus pecados, corrijam sua vida e vivam em tal retidão que possam gozar do espírito do Pai Celestial".

Mesmo num mundo tumultuado, porém, o Presidente Smith, otimística e profeticamente, viu a grande obra missionária que estava para vir. Na conferência geral de outubro de 1945, ele disse:

"Precisamos pregar o evangelho aos países da América do Sul, que ainda mal tocamos. Precisamos pregar o evangelho a todas as partes da África onde ainda não estivemos. Precisamos pregar o evangelho na Ásia. Eu poderia continuar, mencionando todas as partes do mundo onde não tivemos permissão para entrar. Considero a Rússia como um dos campos mais frutíferos para a pregação do evangelho de

Jesus Cristo."

Na conferência, no ano seguinte, ele disse:

"As transmissões de ondas curtas continuarão a melhorar, e não se passará muito tempo até que, deste púlpito e de outros locais, os servos do Senhor possam transmitir suas mensagens a grupos isolados, que por estarem tão distantes, não podem ser alcançados. Dessa e de outras formas, o evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor, o único poder de Deus para a salvação em preparação para o reino celestial, será ouvido em todo o mundo, e muitos que estão aqui hoje viverão para ver isso acontecer."

O homem que disse que "não procuraria forçar as pessoas a viverem segundo meus ideais, mas antes induzi-las pelo amor a fazerem o que é certo", morreu em abril de 1951, aos 81 anos. Sob sua mordomia, o programa de construção da Igreja expandiu-se para atender ao crescimento do número de membros, que passou a marca de um milhão; a força missionária cresceu para mais de três mil; e o Templo de Idaho Falls foi dedicado.

No funeral do Presidente George Albert Smith, o Presidente J. Reuben Clark, que fora seu conselheiro, disse: "Foi adequadamente sugerido que seu nome verdadeiro era Amor". □

MARCOS IMPORTANTES NA VIDA DE GEORGE ALBERT SMITH (1870–1951)

ANO	IDADE	EVENTO
1870	—	Nasce a 4 de abril na Cidade do Lago Salgado, Utah.
1883	13	Começa a trabalhar na fábrica de macacões da ZCMI.
1891	21	Cumpre missão no sul de Utah pela AMMR.
1892	22	Casa-se com Lucy Emily Woodruff.
1892–94	22–24	Cumpre missão nos estados do sul.
1898	28	É designado Recebedor do Cadastro Público dos Estados Unidos e Agente Especial da Pagadoria para o Estado de Utah, pelo Presidente dos Estados Unidos, William McKinley.
1903	33	Torna-se membro do Quorum dos Doze.
1904	34	Escreve seu credo.
1909–12	39–42	A doença o impede de ser ativo no Quorum.
1919–21	49–51	Serve como presidente da Missão Européia.
1922	52	É eleito vice-presidente da Sociedade Nacional dos Filhos da Revolução Americana.
1931	61	É eleito membro da Junta Executiva Nacional dos Escoteiros da América.
1939	69	Começa a guerra na Europa.
1941	71	Os japoneses atacam Pearl Harbor, no Havaí.
1943	73	Torna-se presidente do Quorum dos Doze Apóstolos.
1945	74	8 de maio: Termina a guerra na Europa. 14 de maio: Torna-se Presidente da Igreja. 14 de agosto: Termina a guerra no Extremo Oriente.
1947	77	É comemorado o centenário dos pioneiros de Utah.
1951	82	4 de abril: Morre na Cidade do Lago Salgado, Utah.

FONTES

1. "George Albert Smith", *Classic Stories from the Lives of Our Prophets*, compilado por Leon R. Hartshorn, Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1988.

2. Merlo J. Pusey, "George Albert Smith", em *Os Presidentes da Igreja*, editado por Leonard J. Arrington, Cidade do Lago Salgado, Deseret Book Company, 1986.

3. "George Albert Smith", *Encyclopedia of Mormonism*, Nova York: Macmillan Publishing Company, 1992.

A ADVERSIDADE

PODE TORNÁ-LO FORTE



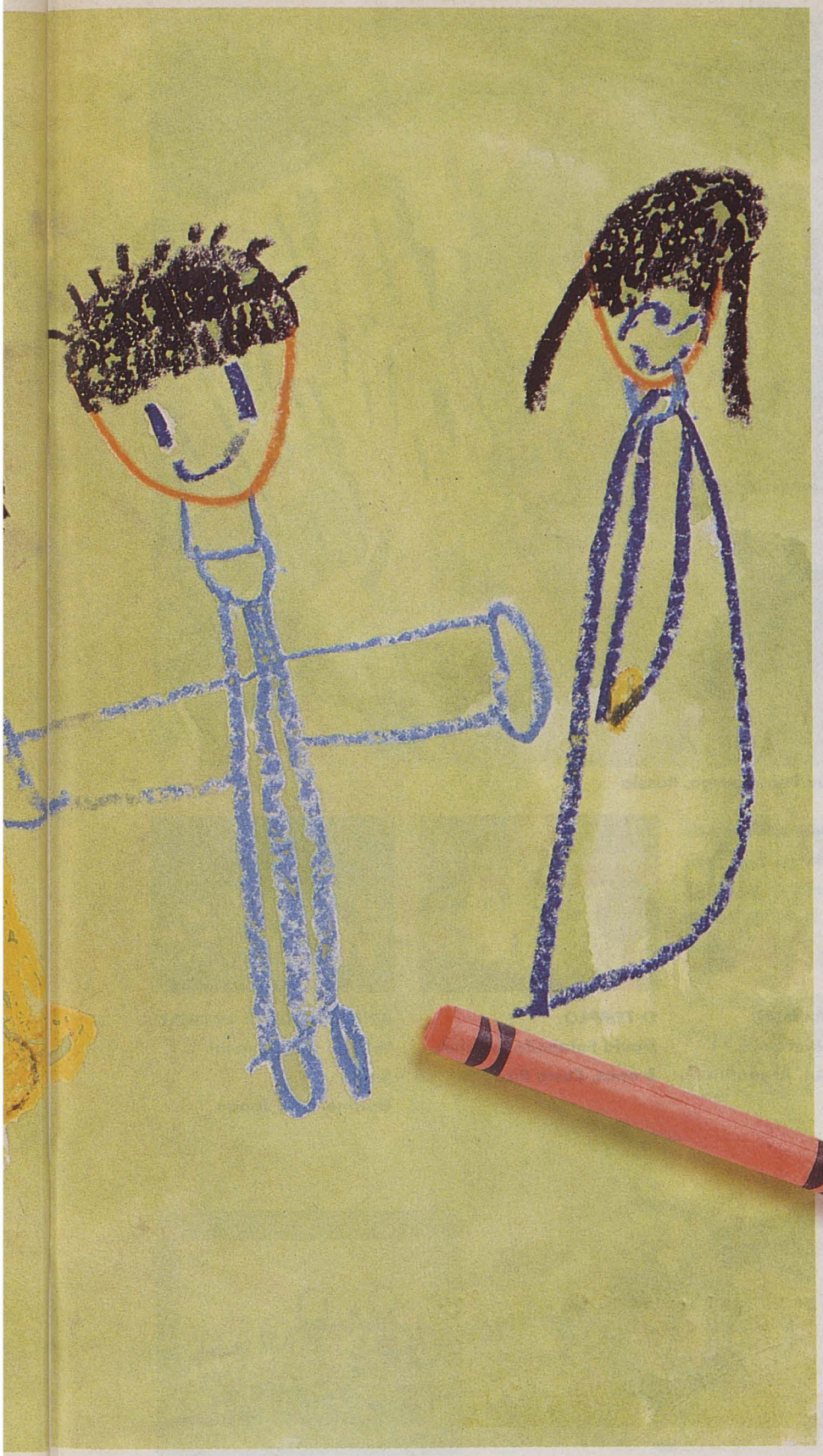


ARTE INFANTIL EM TODO O MUNDO

Por meio de pinturas, desenhos e colagens, mais de 2.600 jovens artistas SUD de todo o mundo expressaram suas idéias a respeito da família, na primeira exposição internacional de arte infantil organizada pelo Museu de História e Arte da Igreja, no começo deste ano, na Cidade do Lago Salgado.

"Os trabalhos criados por crianças de cinco a onze anos, exaltam a importância da família", disse a educadora do museu, Jenny Lund, que ajudou a organizar a exposição. "Por intermédio da arte, elas expressam fé em Deus, amor à família, percepção e criatividade."

Das 2.600 peças expostas, trezentas foram selecionadas para serem exibidas durante quatro meses. Uma amostra desses trabalhos aparece nas páginas seguintes e na terceira capa.



MINHA FAMÍLIA
Midori Kobayashi, 5 anos, Guma-ken, Japão



VERÃO NA VILA **Yura Diyakov, 8 anos, São Petersburgo, Rússia**



ALIMENTANDO OS PÁSSAROS
Masha Makarova, 8 anos, São Petersburgo, Rússia



ORAÇÃO FAMILIAR
Ana Paula Márquez, 11 anos, Chubut, Argentina

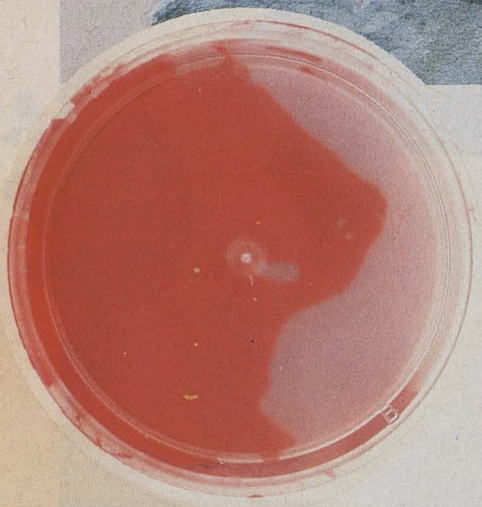


O TEMPLO
David Falabella Sánchez, 8 anos, Costa Rica



BRINCANDO AO AR LIVRE
Yakobu Hirabayashi, 5 anos, Gunma-ken, Japão





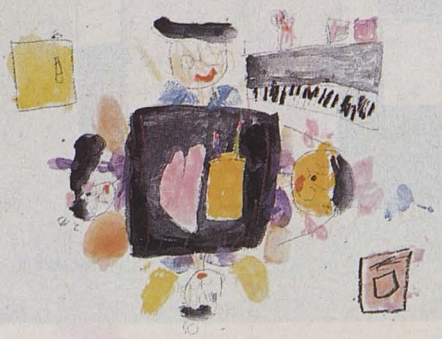
IDA AO MERCADO
(acima) Ivan Ramírez Godínez, 8 anos, Cidade da Guatemala, Guatemala

FESTA DE ANIVERSÁRIO
(abaixo, no centro) Nakabe Maya, 6 anos, Tóquio, Japão

NO CAMPO
(abaixo, à esquerda) Mariela Monterroso G., 9 anos, Costa Rica

VISITA AO TEMPLO
(abaixo, à direita) Manuela Capuano, 11 anos, Suíça











PIQUENIQUE EM FAMÍLIA
(esquerda) Rebeca Delgado Campas, 11 anos, Costa Rica

FÉRIAS DA FAMÍLIA
(detalhe, acima) Karla Barrera, 11 anos, Costa Rica

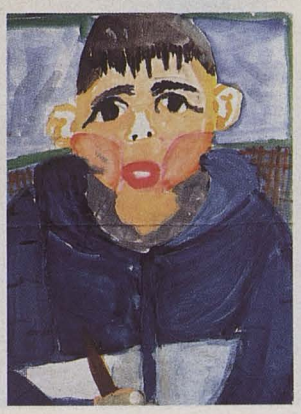
AUTO-RETRATO
(abaixo) Seita Ishio, 10 anos, Tóquio, Japão

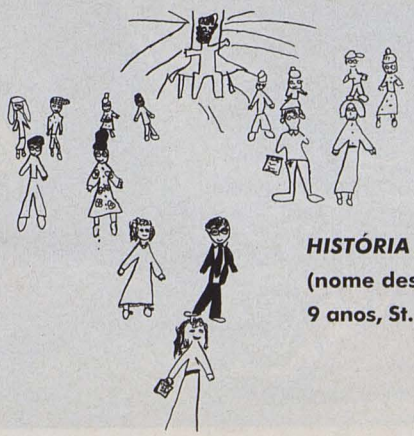




MEU QUARTO ARRUMADO
(alto) Sarah-Marie Wettstein, 7 anos, Genebra, Suíça

AJUDANDO EM CASA
(acima) Asti Dewi Sri, 11 anos, West Solo, Indonésia

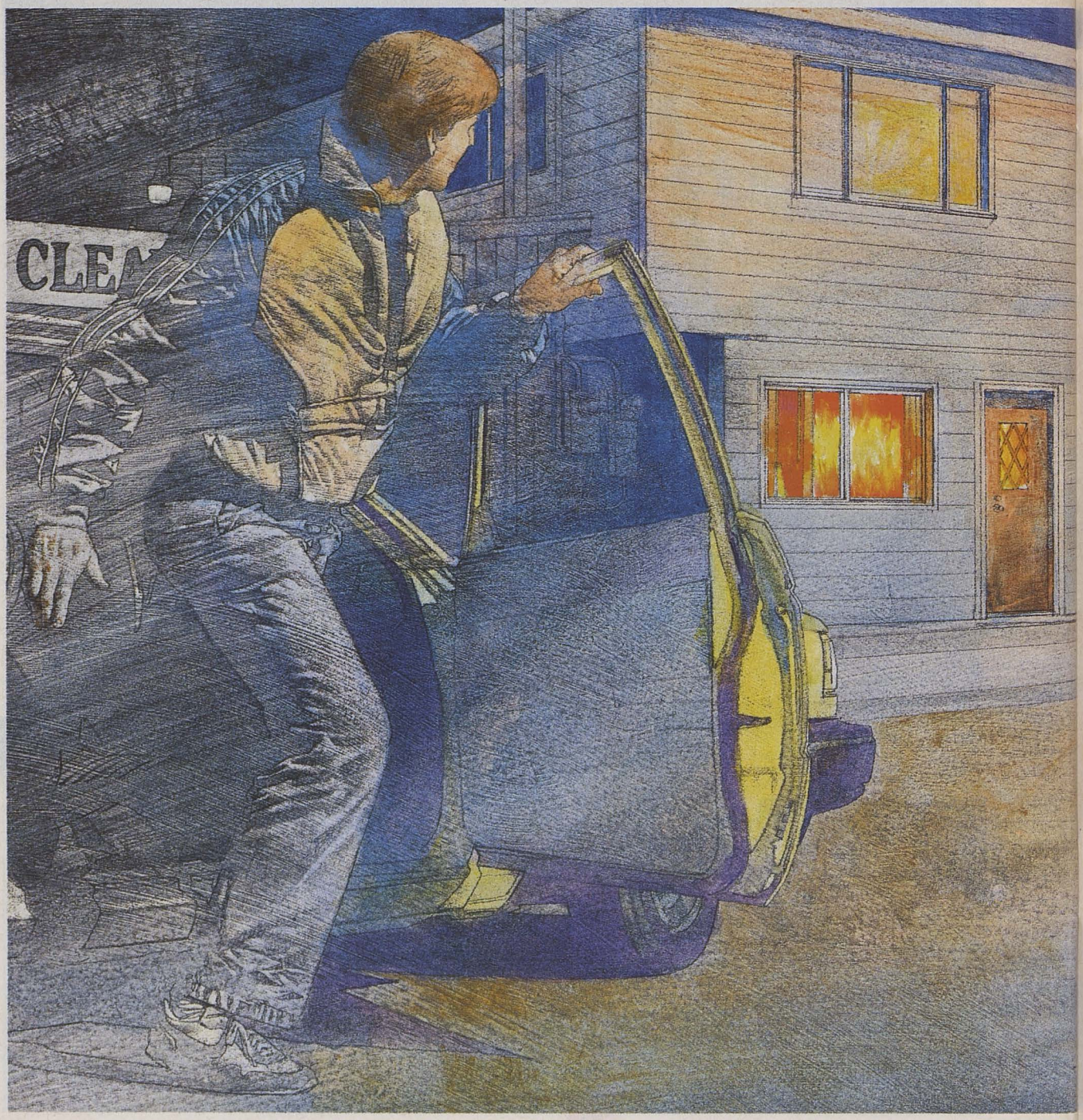




HISTÓRIA FAMILIAR
(nome desconhecido), 9 anos, St. Trono, França □

UM ENGANO P

O autor prefere não se identificar



ILUSTRADO POR MITCHEL HEINZE

PROVIDENCIAL



ILUSTRADO POR MITCHEL HEINZE

Era uma típica noite de inverno em Ohio, fria o bastante para estar nevando, mas quente o bastante para estar chovendo. Eu fazia uma tentativa quase vã de guiar meu carro e verificar os nomes das ruas ao mesmo tempo. Jim Bowen e Mark Auckerman, amigos não-SUD, de 18 anos de idade, liam as placas enquanto seguíamos pela rua coberta de gelo.

"Tudo o que sei", disse Jim, "é que Chris mora na Avenida Dibert, que é uma destas travessas."

"Tem certeza de que é assim tão longe?", perguntou Mark.

Estávamos no extremo sul de Springfield, um bairro que nenhum de nós conhecia bem. Eu estava encarregado da difícil tarefa de dirigir e decidi que deveríamos continuar até que achássemos a Avenida Dibert ou chegássemos ao fim da rua.

Avançávamos vagarosamente, tentando identificar as placas das ruas que cruzávamos. Exatamente quando estávamos a ponto de desistir e retornar, avistamos a placa. "Dibert", dissemos ao mesmo tempo, alegremente.

Por causa do gelo e das péssimas condições dos pneus, entrei em um estacionamento cerca de vinte metros depois da Av. Dibert. Fazendo o retorno no estacionamento, eu parei o carro perpendicularmente à rua que estivéramos procurando. Agora o problema era que direção tomar na Dibert. Enquanto eu e Mark discutíamos se era melhor ir para a direita ou para a esquerda, Jim chamou-nos a atenção para a casa bem à nossa frente.

Tinha dois andares e era de madeira, como a maioria das casas naquela parte da cidade. Na frente havia uma pequena loja e no fundo parecia haver dois apartamentos. A loja tinha a frente voltada para a rua da qual saíramos, de modo que agora estávamos de frente para o lado da casa.

Através de uma janela lateral, podíamos ver algum tipo de chama fazendo sombras nas paredes interiores. A cortina nos impedia de ver se as chamas vinham de uma lareira ou de um fogão, mas logo nos demos conta de que pareciam fortes demais para um fogão e altas demais para uma lareira.

Deixando o motor ligado, pus o carro em ponto morto e pulei para fora, seguido de perto por Mark. Ao chegarmos à janela, vimos que as chamas eram bem mais altas do que pensávamos. Pulamos a cerca e corremos para a porta dos fundos. Batemos o mais forte que pudemos, mas ninguém respondeu. A porta estava trancada. Corri para a frente do edifício, enquanto gritava a Jim que pedisse auxílio.

Arrombei a porta da loja e pulei o balcão. Havia um pequeno cômodo entre a loja, na frente, e o apartamento, atrás.

Na sala de estar do apartamento, havia uma mulher, gritando histericamente e tentando apagar o fogo com um pequeno tapete. O que parecia ser um grande e estofado sofá estava completamente em chamas. O papel de parede estava queimando, e as chamas subiam pelas paredes, batendo e espalhando-se pelo teto bem acima da cabeça da mulher.

Minha primeira reação foi de abaixar-me, dar meia volta e sair da sala. O calor era intenso, e a fumaça rapidamente enchia o ambiente.

Gritei-lhe que saísse, mas finalmente tive que agarrar-lhe o braço e arrastá-la para fora. Perguntei se havia mais alguém na casa. Antes que ela pudesse responder, ouvimos gritos no andar de cima.

"Meus filhos", disse ela, soluçando.

"Quantos?", perguntei.

Ela disse que havia duas crianças e apontou para uma porta bem ao lado do sofá em chamas. Apesar de poucos segundos se haverem passado, as chamas já tomavam a parede inteira e espalhavam-se por todo o teto.

Olhando para a porta, percebi que, mesmo que conseguisse passar,

era pouco provável que pudesse voltar pelo mesmo caminho.

Meus pensamentos voltaram-se para o Pai Celestial. Parecia haver apenas uma coisa a fazer. Pondo toda minha confiança em Deus, saí em disparada rumo às escadas, sentindo o rosto queimar enquanto subia o mais rapidamente possível.

No topo, em pé, estavam as duas crianças, uma menina de cinco anos e um menininho de dois. Choravam, chamando a mãe. Com uma criança presa embaixo de cada braço, virei-me para descer. A mãe tinha se desvencilhado de Mark e já estava chegando onde eu me encontrava.

Ouvi um grande estrondo. As chamas agora já chegavam à metade do vão da escada.

Numa fração de segundo, orei mais profunda e intensamente do que jamais orara em toda a minha vida. Percebia, agora, que não só a minha vida, mas a de uma mulher e duas crianças dependiam de minhas ações. Lembro-me de haver pensado, ou de haver falado em voz alta: "Não se faça a minha vontade, mas a tua".

De repente, lembrei-me de que Mark estava ainda lá embaixo e comecei a chamá-lo, gritando com toda força. Mais tarde, ele me contou que o estrondo que eu ouvira fora o teto desmoronando e que um enorme pedaço de compensado em chamas caíra no chão, assim que a mãe desaparecera pela porta. Ele ficara no andar de baixo para tentar reter o fogo, fechando todas as portas da casa, e não me ouviu gritar que iríamos sair por uma janela.

Sabendo que a fumaça não nos deixaria muito tempo, corri ao segundo andar para procurar uma janela.

Lá em cima, entrei diretamente num cômodo totalmente escuro que aparentemente não tinha janelas. Eu podia sentir as solas de meus sapatos ficando quentes e percebi que a fumaça estava mais insuportável a cada segundo. A mulher guiou-me pelo hall até uma pequena janela que dava para o telhado.

Ela saiu primeiro e eu a segui, ainda carregando uma criança debaixo de cada braço. Quando chegamos à borda do telhado, pude ver que a fumaça saía por todas as janelas da casa. Vi Mark bem abaixo de nós e gritei que ia jogar as crianças para ele.

Girando para ganhar impulso, joguei o menininho a aproximadamente um metro da casa, para Mark, que o pegou com precisão.

A fumaça estava tão espessa que eu não conseguia ver o chão, mas ouvi uma voz que não reconheci e joguei a menininha do telhado. Fui informado mais tarde de que um homem vira o fogo, parara o carro e correra até Mark, a tempo de ajudá-lo a pegar a menina.

A mulher ainda soluçava e gritava histericamente. Mark havia colocado o menino no chão e amortecera a queda da mulher. Eu saltei e caí sem me ferir.

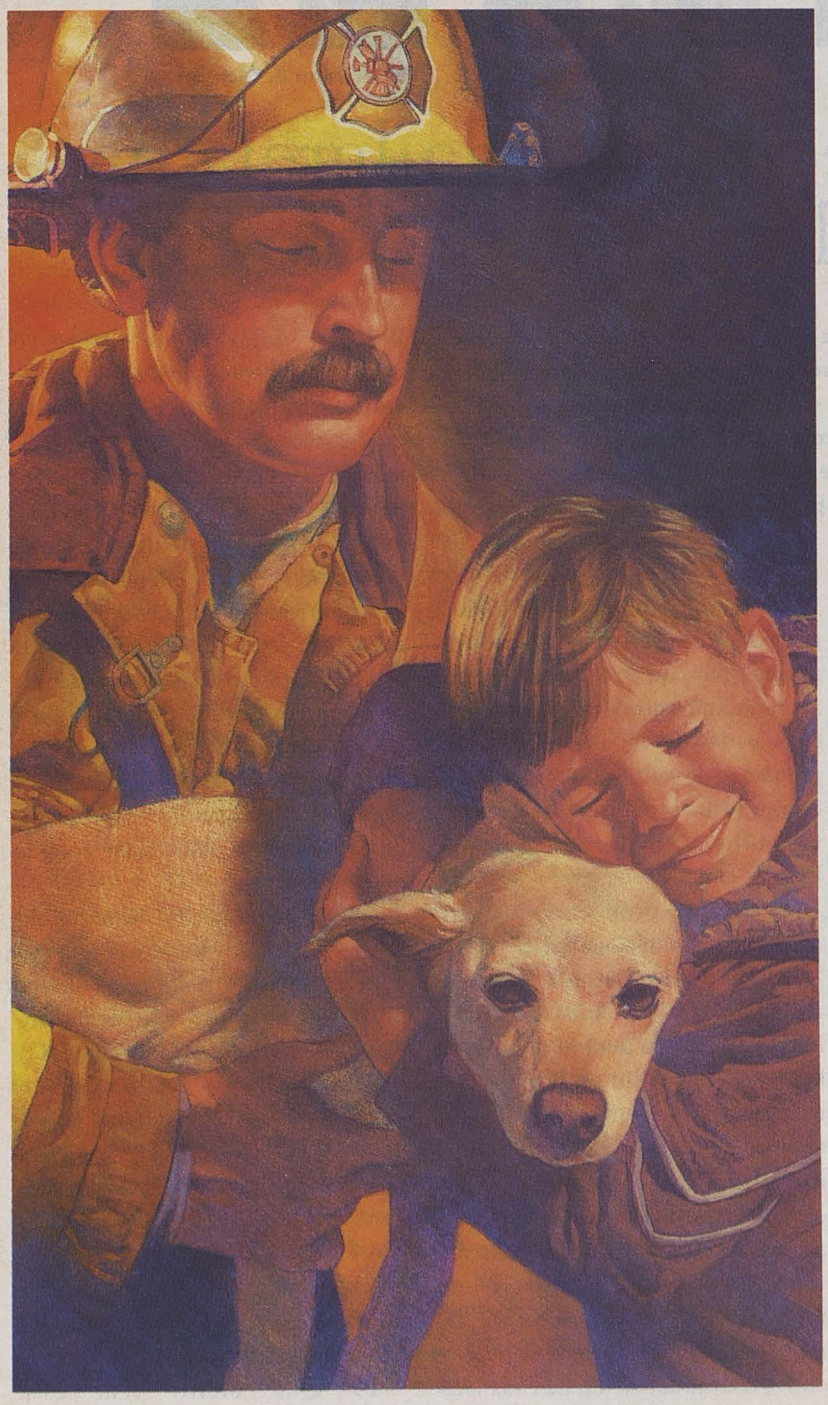
No chão, em segurança, corri para o apartamento do outro lado do edifício. Lá, Jim e eu batemos com força na porta, mas não houve resposta. Depois de alguns segundos, quebramos o vidro e abrimos a porta. Vasculhamos toda a casa e descobrimos que não morava ninguém naquele lado.

Meus pensamentos, enquanto voltava para o outro lado do edifício, eram os frutos de anos de treinamento de Escotismo—tratamento para inalação de fumaça, choque e exposição às intempéries. A mulher e as crianças foram levadas ao meu carro, que estava quente e ainda ligado. O menino perguntou onde se encontrava seu cachorrinho e, mesmo sem ter visto nenhum cão, tentei assegurar-lhe que estava bem. Nisso, os carros de bombeiros e a ambulância já estavam estacionados em frente ao edifício e então pedi a Mark e Jim que me encontrassem no hospital.

Todos foram tratados e logo liberados.

Quando voltamos ao local do incêndio, contamos nove carros de bombeiros. O fogo fora debelado e

Depois do incêndio, tudo que restou da casa foi a estrutura carbonizada, mas o cãozinho do menino havia, de algum modo, sobrevivido.

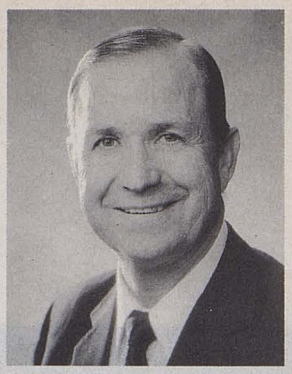


tudo o que sobrou da construção foi a estrutura carbonizada. Um frio percorreu-me a espinha ao olhar para a casa, com fumaça ainda saindo pelas janelas. Enquanto observávamos solenemente a destruição que ali acontecera, um bombeiro surgiu com algo que parecia ser um pequeno animal de pelúcia, nas mãos. Era o cãozinho do menino. Ele tinha se escondido em um armário no andar térreo, em algum tipo de bolsa de ar, e sobrevivera às duas horas de incêndio sem um arranhão.

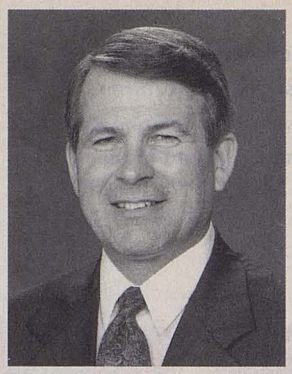
Uma sensação de alívio e gratidão invadiu-me. Dei-me conta de que não fora o acaso que nos levara àquela casa, mas uma força celestial nos havia inspirado a fazer a curva errada. Percebi que, sem a ajuda do Senhor, várias pessoas provavelmente teriam perdido a vida. Antes desta experiência eu pensava que minha fé era fraca, mas soube, então, que se não tivesse sido pela fé, eu teria entrado em pânico ante o pensamento de que poderia morrer. Por causa dos ensinamentos do evangelho e da compreensão que ele nos dá da morte, pude pensar claramente e fazer o que precisava ser feito. Percebera que minha vida estava nas mãos do Pai Celestial. Estou agradecido por termos sido poupados e por minha fé ter sido fortalecida imensamente. □



Élder Horacio A. Tenorio



Élder Lynn A. Mickelsen



Élder John B. Dickson

O Fortalecimento da Igreja na Área Sul da América do Sul

A Igreja exerce uma grande influência na vida de milhares de santos dos últimos dias na América do Sul. Para sabermos mais sobre o crescimento contínuo no Chile, Argentina, Uruguai e Paraguai, os redatores da revista conversaram com o Élder Lynn A. Mickelsen, dos Setenta, presidente da Área América do Sul Sul, e com os Élderes Horacio A. Tenorio e John Dickson, dos Setenta, conselheiros na presidência de área.

Pergunta: O que considera desafios especiais para os membros da Igreja em sua área?

Resposta: Os desafios são os mesmos enfrentados pelos membros em todo o mundo—viver o evangelho e vir a Cristo, mas vemos qualidades especiais nos membros de nossa área que os ajudam a sobrepujar as dificuldades.

P: De que forma eles são especialmente fortes?

R: Eles têm muita fé e acatam todas as palavras do profeta, reverenciando-o e expressando amor por ele continuamente. Estudam as escrituras e as revistas da Igreja. O nível de conhecimento que possuem, bem como o desejo de aprender, são impressionantes. Vemos repetidas vezes nos membros essa fé simples, mas grande e inabalável.

P: Quantos membros há na Área América do Sul Sul?

R: Temos hoje mais de 610.000, mas esse número cresce rapidamente. Nos quatro países, temos agora dezoito missões e mais de cem estacas. No Chile e no Uruguai, a proporção de santos dos últimos dias, comparada à população de não-membros, é maior do que nos Estados Unidos.

P: O que proporciona tanto sucesso à obra missionária?

R: Há diversos fatores. Um deles é a dedicação dos missionários e líderes, que estão sempre dispostos a falar do evangelho onde quer que estejam. Por exemplo: dois dos nossos jovens missionários fizeram a meta de dar sete palestras num dia e, quando iam para casa de bicicleta naquela noite, tinham dado somente seis. Então, um rapaz apareceu ao lado deles, de bicicleta. Os missionários olharam um para o outro, colocaram-se um de cada lado dele, e falaram-lhe sobre o evangelho. Depois, disseram: "O que temos para lhe dizer é tão sagrado que precisamos parar". Eles pararam, falaram a respeito de Joseph Smith, prestaram testemunho da restauração, e hoje o rapaz está se preparando para sair em missão.

Como esse jovem, as pessoas de nossa área estão prontas para ouvir o evangelho, estão dispostas a escutar testemunhos e a agir de acordo com o que sentem. Os membros estão ansiosos por compartilhar o que têm. A Igreja é muito respeitada, portanto, não é difícil falar com as pessoas sobre ela.

É importante que os membros em outras partes do mundo entendam como a Igreja é realmente nesses países. Estas não são áreas de terceiro mundo. Estamos aptos a utilizar todas as ferramentas e métodos usados em outros países. Temos tido, por exemplo, algum sucesso por intermédio de programas de assuntos públicos para a mídia. A Igreja atrai pessoas de todos os níveis. Dentre os membros encontramos muitos com nível cultural e profissional elevado.

P: Que efeito tem essa

diversidade de membros no crescimento da Igreja?

R: Há uma maior divulgação da Igreja e o resultado das ações dos membros se reflete em todas as camadas da sociedade.

Em Montevidéu, no Uruguai, há alguns meses o presidente da nação falou a um grupo de 480 santos dos últimos dias do seminário e instituto. Luis Alberto Ferrizo, um dos representantes regionais e também membro do Congresso Nacional, disse ao presidente: "O senhor freqüentemente fala do futuro do Uruguai. Quero que veja o futuro do Uruguai". E com isso, o irmão Ferrizo promoveu um encontro do presidente com aqueles jovens maravilhosos.

Alguns membros da Igreja tornaram-se conhecidos por seu exemplo de integridade. Um de nossos representantes regionais, Jaime Gonzales, de Valparaíso, no Chile, obteve muito sucesso no negócio de lavanderias por sua reputação de honestidade. Conseguiu contratos com o exército e com companhias privadas pela forma como dirige sua firma.

Os santos dos últimos dias são muitas vezes procurados para trabalhar, devido aos padrões pelos quais vivem. Um jovem médico é muito procurado pelos pacientes da clínica onde trabalha e é conhecido como "o médico que não fuma".

Temos muitos membros e líderes que são bem conhecidos pelo serviço que prestam as suas comunidades, aos seus países e a sua família. Um dos conselheiros na presidência da missão paraguaia, por exemplo, é um respeitado líder militar no país. (Vide "Pioneiros no Paraguai", página 10 deste número.) Em outra área, um presidente de estaca e sua esposa são médicos. Eles têm seis filhos e são ótimos pais; mas ela chama a atenção mais especialmente por estabelecer como prioridade, no momento, a formação de sua família, e não sua profissão.

A Igreja é freqüentemente alvo de atenção, pelo serviço prestado pelos membros. Durante uma conferência de jovens, em Buenos Aires, os jovens participaram de um projeto de serviço. O superintendente do parque onde se reuniram ficou agradavelmente surpreso, pois dera aos jovens uma grande tarefa para ser executada e eles a terminaram em apenas um dia. Em Córdoba, na Argentina, várias estacas SUD estiveram entre os primeiros grupos a oferecer ajuda depois de uma forte enchente. Eles fizeram tudo por conta própria, sem nenhuma orientação nossa.

P: O evangelho pode mudar as pessoas de várias formas. Qual é a maior mudança que se pode notar na vida delas?

R: A mudança mais significativa é que o evangelho lhes dá, como indivíduos, uma nova perspectiva espiritual em tudo que fazem, além de solidificar a família. Os membros obedecem ao conselho dos líderes da Igreja de fazerem tudo o que puderem para fortalecer a família. O templo é um local sagrado para eles, e querem que suas famílias sejam ali seladas para a eternidade.

P: O crescimento da Igreja gera desafios especiais para os líderes?

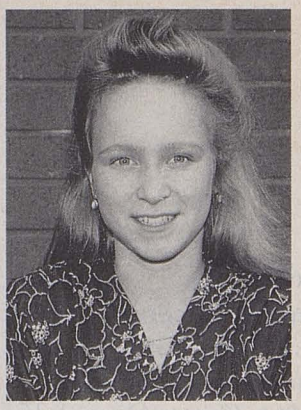
R: Um dos grandes desafios que temos é o de facilitar o envolvimento dos membros na Igreja, dando-lhes oportunidades de servir. Estamos enfrentando esse desafio, ressaltando que todos os membros têm o direito de ter uma designação, um cargo na Igreja. Doutrina e Convênios 84:109–10 deixa claro que todos têm necessidade de servir na Igreja, e ela precisa de todo o trabalho dos membros, a fim de que a organização seja perfeita.

Nós não somente incentivamos os líderes a darem cargos aos membros, mas estamos também organizando pequenos ramos onde necessário, levando a Igreja ao povo a fim de que recebam todas as bênçãos da participação. O serviço dos membros é a vida da Igreja, e é o caminho para a vida que Jesus prometeu. □



A TURMA TODA ESTÁ AQUI

Na maioria dos lugares, é incomum ter-se 100% de freqüência todos os dias no seminário diário, mas não no Ramo de Alcala de Henares, Missão Espanha Madri. Todos os doze alunos geralmente comparecem, cinco dias por semana, às aulas de seu presidente da estaca/professor do seminário. Esta é uma foto de toda a classe, com a vice-presidente do seminário, Isabel Quiles, e, na frente, o presidente Roberto Heita. □



DESEMPENHO EXCEPCIONAL

As apresentações que fez na conferência de estaca e formatura do seminário valeram a pena para Carolyn Rickford, Ala Solihull, Estaca Birmingham Inglaterra. Isso deu-lhe autoconfiança para conquistar uma vaga no Centro de Artes Dramáticas de Coventry, uma escola de muito prestígio. Carolyn toca flauta e piano. Parabéns. □

DIVERSÃO NA FINLÂNDIA

O que há de divertido para se fazer na Finlândia? Laura Alakoski, de 12 anos, cozinha, esquia, lê, costura ou toca piano.

Em casa, Laura faz bolos, biscoitos e elaborados pães-de-mel em forma de casas. Também faz tricô, crochê e roupas com modelos criados por ela. Pratica esqui de velocidade e "*cross country*", ciclismo e patinação no gelo.

Tratando-se de música, adora tocar piano e foi chamada para ser a pianista da Primária aos 11 anos. Agora toca nas reuniões sacramentais. Não há muitos jovens SUD onde mora, mas Laura é ótima para fazer amizades em qualquer lugar. □





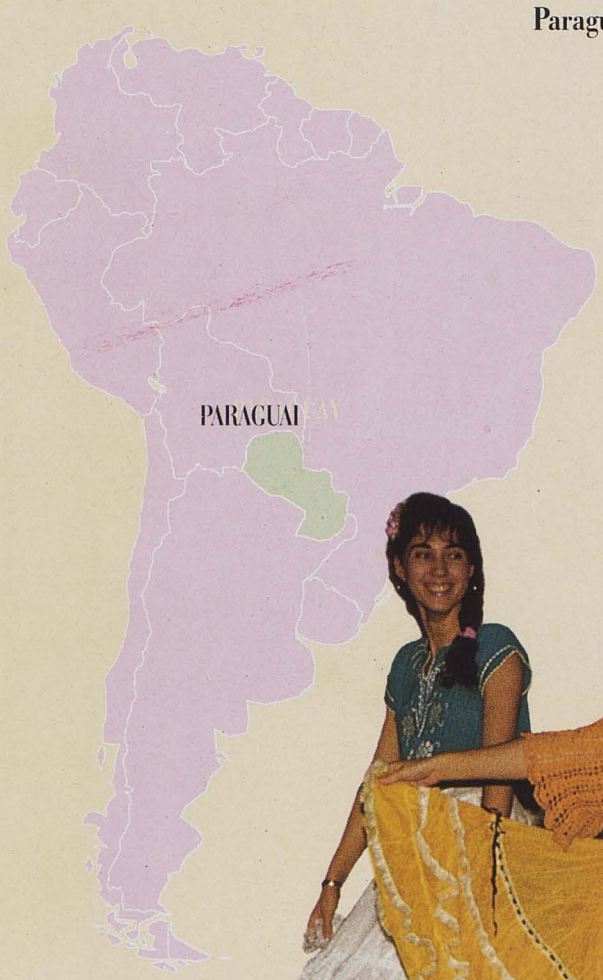
"*Na Nossa Horta*" de Lyuda Syoutanina, 7 anos, de São Petersburgo, Rússia.
Este é um dos trezentos trabalhos em exibição na primeira exposição de arte infantil patrocinada pelo Museu de História e Arte da Igreja, na Cidade do Lago Salgado. (Vide página 34.)

A Igreja no Paraguai foi edificada sobre um alicerce firme por pioneiros—alguns dos quais são membros há décadas, outros há apenas alguns dias.

Vide "Pioneiros no Paraguai", p. 10.









93989059